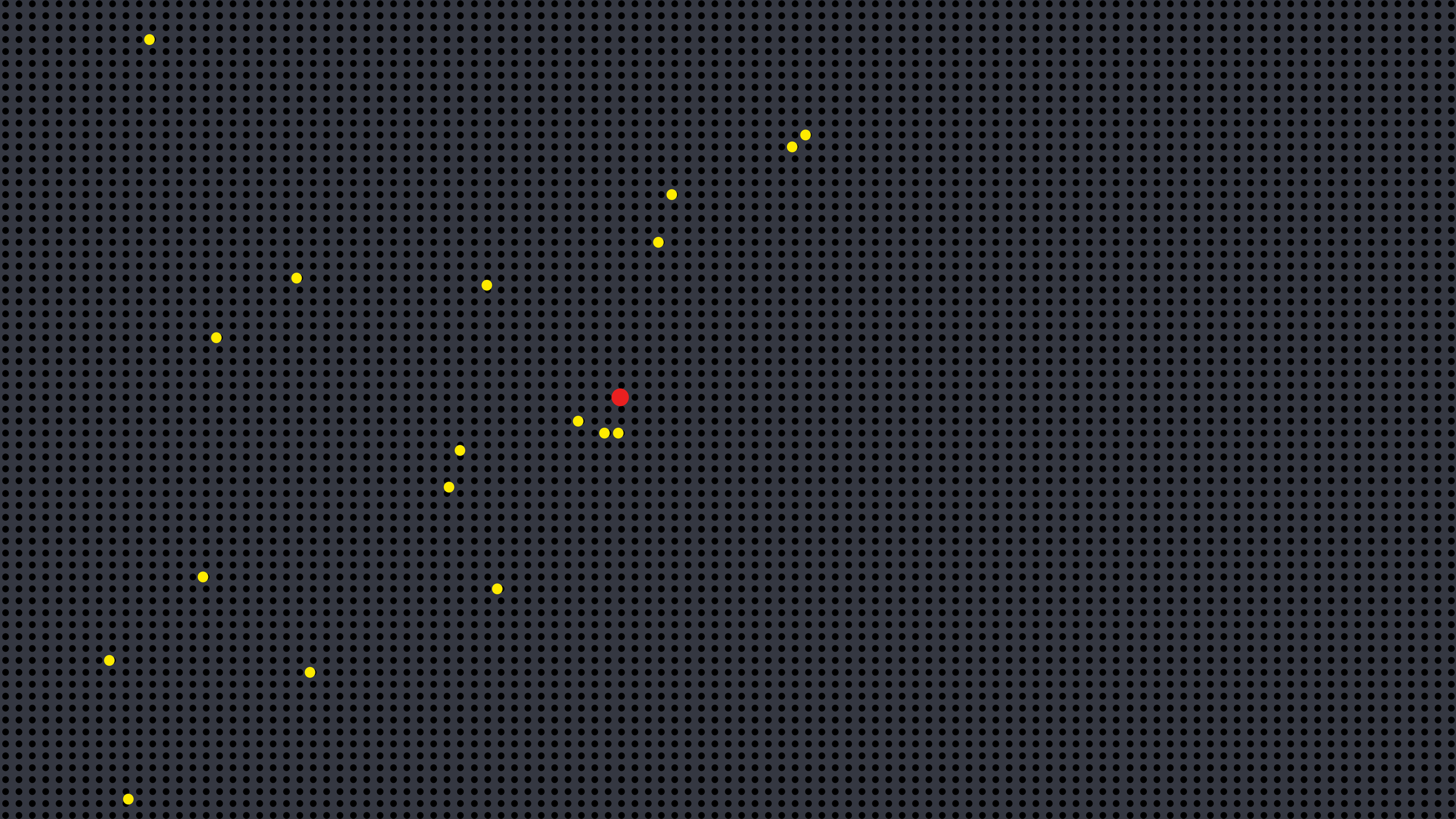


centro
cultural
UFG

DE FORA PRA DENTRO

Diálogos entre obras do acervo do CCUFG e jovens artistas da FAV

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
GPT/BC/UFG

D 278 De fora para dentro: Diálogo entre obras do acervo do Centro Cultural da Universidade Federal de Goiás e jovens artistas da Faculdade de Artes Visuais [Ebook] / organizadora, Maria Tereza Gomes da Silva ; curador, Samuel José Gilbert de Jesus. – Goiânia : [s.n.], 2021.
[101] p.; il.
De fora para dentro é o primeiro catálogo de uma série de propostas curatoriais que o Centro Cultural UFG apresenta, em 2021.

ISBN (Ebook): 978-65-0017136-5

1.Arte – Estudo e ensino. 2. Curadoria. 3. Cultura. I. Silva, Maria Tereza Gomes da. II. Jesus, Samuel José Gilbert de.
CDU: 7:37

Bibliotecária responsável: Adriana Pereira de Aguiar / CRB1: 3172

ACERVO DE ARTE CONTEMPORÂNEA DO CENTRO CULTURAL UFG: NOVOS OLHARES A PARTIR DO PROCESSO DE DISPONIBILIZAÇÃO DIGITAL

O Acervo de Arte Contemporânea do Centro Cultural UFG - CCUFG coloca a Universidade Federal de Goiás como uma das universidades públicas no Brasil que possui um dos mais relevantes acervos de arte contemporânea do Centro-Oeste brasileiro e em uma Instituição Pública de Ensino Superior no país.

Desde 2018, todas as obras que compõem as coleções do acervo do CCUFG encontram-se em processo de revisão da catalogação, organização de documentos, produção de fotografias para serem disponibilizadas publicamente, de forma digital, por meio da Plataforma Virtual Tainacan. A partir do projeto "Plataforma de Catalogação e Difusão de Acervo Museológico", financiado pelo Instituto Brasileiro de Museus - Ibram, o Tainacan foi criado, em parceria com Universidade Federal de Goiás, com objetivo de auxiliar na elaboração de uma política nacional para acervos digitais, e atualmente, é utilizada pelos mais prestigiados museus do Brasil em uma perspectiva de Acervos em Rede.

Com a crise sanitária em decorrência da Covid-19, as atividades artísticas e culturais em comemorações aos 10 anos do CCUFG foram adiadas ou reformuladas. Desta forma, todos os esforços da gestão deste espaço cultural levaram a reorganização do trabalho e capacitação da equipe para atuarem em ações via meios de digitais. Como resultado deste de trabalho árduo, em equipe, grande parte do acervo do CCUFG está disponibilizada em repositório criado em 2019.

De Fora para Dentro: diálogos entre obras do acervo do CCUFG e jovens artistas da FAV, uma propositura da Coordenação de Programação de Artes Visuais no Centro Cultural UFG com vistas à envolver os estudantes da Faculdade de Artes Visuais em estudos e pesquisas neste acervo de arte contemporânea, proporcionou à estes jovens artistas não somente o contato com esse valioso acervo, mas também o exercício de curadoria que resultou neste catálogo. Esta proposta faz parte da ação Olhares diversos - diálogos com o acervo do CCUFG, projeto de extensão Espaço, passos e pessoas, coordenado pela professora e artista Maria Tereza Gomes da Silva, que continuará a ser desenvolvido ao longo de 2021 e tem o intuito de lançar novos olhares sobre o acervo do CCUFG por meio de curadorias compartilhadas.

Nesta primeira etapa da ação, De Fora para Dentro: diálogos entre obras do acervo do CCUFG e jovens artistas da FAV, o professor e historiador Samuel de Jesus foi convidado a trabalhar com 19 jovens artistas oriundos da Faculdade de Artes Visuais, e foi pensada, organizada e realizada em um percurso temático dividido em quatro blocos.

O resultado desta etapa da ação nos motiva a continuar a implantação e o desenvolvimento de ações estruturantes para a disponibilização de ações artísticas no repositório digital do Acervo do CCUFG, que já se constitui como um importante meio de difusão e formação de jovens artistas, curadores e público em geral.

Flavia Maria Cruvinel
Pró-Reitora Adjunta de Extensão e Cultura
Diretora de Cultura e do Centro Cultural UFG

DE FORA PARA DENTRO: DIÁLOGO ENTRE OBRAS DO ACERVO DO CCUFG E JOVENS ARTISTAS DA FAV/UFG

O Centro Cultural UFG, através da Coordenação de Programação de Artes Visuais, vem buscando refletir sobre formatos curatoriais mais dinâmicos e participativos em consonância com a própria produção artística atual, onde os campos de atuação do artista, curador e espectador se encontram ampliados, ocupando espaços mais dilatados nos circuitos culturais. O que nos traz o pensamento da crítica e pesquisadora Suzi Gablik (2005) quando considerava que "[...] uma consciência artística deve ser experimentada para se atingir uma estética que conecta e vaporiza as barreiras entre artistas e público." Assim, as inúmeras inquietações sobre propostas curatoriais que possibilitem olhares diversos sobre os acervos, encontram ressonâncias no alargamento da atuação entre artistas, curadores e educadores nas instituições conectadas para trabalhos curatoriais coparticipativos como visível tendência nestes espaços, e apontam para uma perspectiva transversal que abrace diversidades. Propostas que trafegam envoltos a um pensamento rizomático de processos de produção da arte contemporânea, imersa numa estética participativa.

Dentro da programação em comemoração aos seus dez anos, o Centro Cultural UFG irá lançar uma série de catálogos virtuais a partir de curadorias compartilhadas, onde artistas, curadores, críticos, historiadores e o público em geral serão convidados a dialogarem com os artistas do acervo do CCUFG.
De Fora para Dentro: Diálogo entre obras do acervo do CCUFG e jovens artistas da FAV/UFG, é o primeiro de uma série de propostas curatoriais que o CCUFG apresenta, em 2021, buscando abrir espaço para múltiplos olhares sobre o seu acervo. A proposta é pensar o acervo como lugar para a pesquisa em arte, para vivenciar experiências artísticas curatoriais, de interações participativas entre jovens artistas e a diversidade das obras. O acervo como lugar para pensar o artista, o curador, e o espectador ressignificando o bem público. O acervo como legado, espaço de diversidades dos artistas e de múltiplos. De obras vivas que dialogam com a produção dos estudantes, artistas, pesquisadores e o público. Do imaginário, da experiência que se amplia quando compartilhada.
De Fora para dentro: Diálogo entre obras do acervo do CCUFG e jovens artistas da FAV/UFG é uma proposta de curadoria compartilhada entre o historiador e professor Samuel de Jesus e dezenove jovens artistas discentes da Faculdade de Artes Visuais/ UFG, onde como organizadora, buscamos um trajeto conceitual elaborado a partir da relação entre a proposta individual de cada jovem artista linkadas com artistas e obras escolhidas do acervo do CCUFG, o que possibilitou uma construção rizomática e transversal de múltiplas possibilidades, olhares e conexões com o acervo.
Conexões que não terminam na experiência vivenciada pelos jovens artistas e obras do acervo, mas alargam suas fronteiras a cada visualização e interações virtuais.

Maria Tereza Gomes da Silva
Coordenadora de Programação de Artes Visuais do CCUFG
Organizadora do Catálogo

POR UMA NOVA FORMA DE SE PENSAR O COLETIVO EM TEMPO DE ISOLAMENTO

De fora para dentro: Diálogo entre obras do acervo do CCUFG e jovens artistas da FAV/UFG é o título de uma exposição pensada, organizada e realizada com um percurso temático dividido em quatro blocos a ser visitada de modo virtual. O projeto foi concebido numa situação de isolamento social em decorrência do início da pandemia do vírus do Covid-19 que atingiu o país no mês de março de 2020, impossibilitando desde então qualquer encontro presencial. Na hora de escrever esse curto texto, entendemos como essa pandemia geriu não somente uma crise sanitária sem precedente no Brasil, mas também uma socioeconômica e, claro, ética, estimulada por um projeto necropolítico cujo resultado ultrapassa qualquer estimativa letal.

Se esse contexto não é, em si, inédito na História da humanidade, tendo em vista os seus aspectos e consequências particularmente assombradores – não podemos perder de vista que nós estamos lutando contra um vírus invisível e impercebível a escala macro -, fato é de reconhecer que ele trouxe uma mudança bastante notável não somente no que tange à urgência de despertar e reatualizar uma reflexão sobre o papel das artes diante da crença em um mundo produtivista e consumerista de cunho particularmente nocivo no que diz respeito a manutenção do equilíbrio ambiental, da preservação do ecossistema e do legado pelas gerações futuras. Mundo este, que já atingiu há mais de duas décadas os seus limites de sobrevivência. Mas trata-se, sobretudo, da urgência de se repensar o engajamento por meio de novas práticas artísticas, de novas práticas colaborativas, mediadas pela partilha de experiências artísticas, mais justas e democráticas, mesmo distantes uns dos outros, em nossos lares de vida quotidiana.

Esses lares tornaram-se híbridos: lugares de vivência doméstica, íntima, mas igualmente espaços de reflexão, de pesquisa que vêm nos lembrar, por mais anacrônico que seja, os ateliês dos mestres antigos, reclusos em seus studioli, laboratórios de fomento de ideias e de experimentação, nos quais artistas, homens e mulheres atuando nos mundos das letras e das ciências humanas, refletiam não apenas sobre questões de ordem estética, mas de modo mais amplo, sobre o mundo e sua época. Seguindo um pouco essa ideia, esses ateliês hoje são constituídos e estão se articulando de forma mais fluída, nômade. Nesse sentido, a proposta curatorial do grupo, assim como o projeto expográfico e colaborativo, tomaram corpo dentro de uma disciplina de estágio, no desenvolvimento de um processo supervisionado por Maria Tereza Gomes, Professora e artista Maria Tereza Gomes do curso de Artes Visuais Bacharelado da FAV-UFG, e que me convidou para colaborar e orientar toda a equipe constituída por estudantes do curso e estudantes egressos, em parceria com a Pró-Reitoria de Extensão e Cultura [PROEC], no quadro da comemoração dos 10 anos da criação do Centro Cultural UFG.

Dessa parceria resultou a realização da exposição virtual e a concepção do presente catálogo, fruto de um projeto cuja linha curatorial e direção artística tinham como âmbito reunir os estudantes e os professores para refletir sobre a possibilidade de organizar uma exposição a partir de uma seleção de obras presentes no acervo do CCUFG, assim como todo o seu processo de produção a distância, por meio do uso de todas as ferramentas e recursos digitais.

O desafio levou a atuar a partir da nossa própria casa, e a estabelecer um diálogo entre este acervo e a própria produção desses jovens artistas em processo de formação ou já prontos para se formar, por meio de uma abordagem elaborada a partir de uma narrativa autoral individual – mediada pela escolha de um ou dois artistas deste acervo, postos em diálogo com a sua própria atuação e produção

artística – e também coletivo, acerca de um projeto comum que estabelece uma ponte entre uma instituição cultural, uma instituição de ensino superior e quem atua diariamente nela. Aliás, a maior intenção dessa exposição consiste em estabelecer conexões entre diferentes gerações de artistas que atuaram, atuam ou iniciam a sua atuação dentro da cidade de Goiânia, no Estado de Goiás, ou ainda no Brasil, reatualizando debates críticos, ações artísticas plurais mediante abordagens poéticas e plásticas que questionam, de perto ou de longe, essa eterna necessidade da arte, reativada com mais força nesses tempos tão escuros.

Pensar as conexões entre um centro cultural, suas obras "institucionais" e as recentes produções de jovens artistas por meio desse diálogo aberto consiste em pensar também as distâncias físicas, espaciais e temporais que nos juntam e separam. Essas distâncias se refletem nos pontos e nas linhas que dinamizam o projeto gráfico do catálogo. São fios óticos que se desdobram e unem os pontos de moradia por meio de possíveis trajetos "virtuais" que se direcionam até o lugar comum e central da partilha da experiência artística; um ponto simbolicamente estratégico, localizado em pleno centro universitário da cidade. O seu coração mais escondido não é mera coisa do que o seu acervo artístico, cuja riqueza e diversidade fazem dele uma das coleções mais preciosas de arte moderna e contemporânea na região Centro Oeste, porém ainda pouco conhecida e estudada. Nessa perspectiva, as interações entre obras e artistas já reconhecidos e obras de jovens artistas em pleno processo de formação trazem à tona a força e a expressão de uma nova geração que, de fora para dentro e de dentro para fora, demonstra toda a sua vitalidade criativa e sua sensibilidade.

Prof. Dr. Samuel José Gilbert de Jesus
FAV-UFG

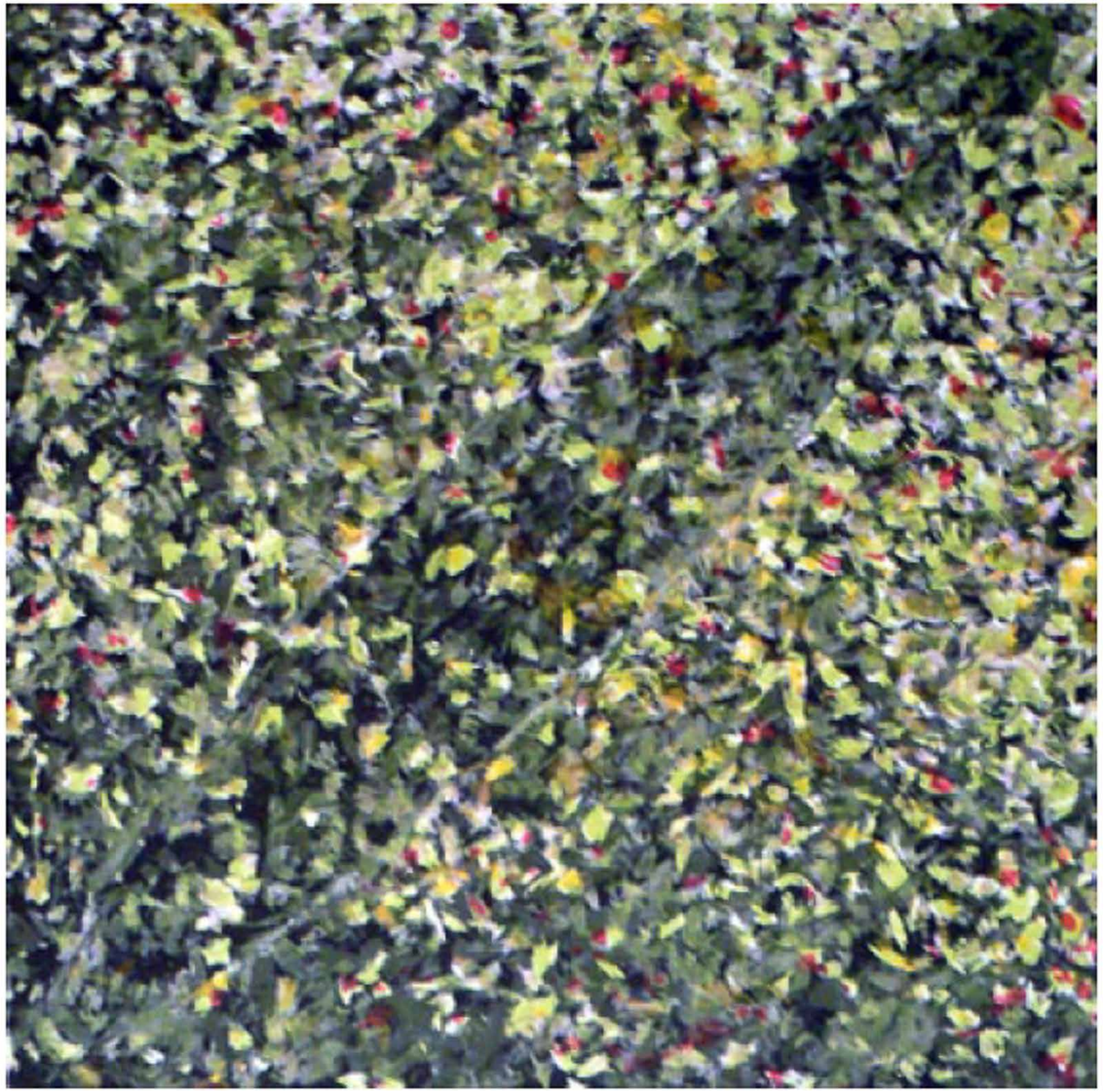
[confluência]

Ana Maranhão

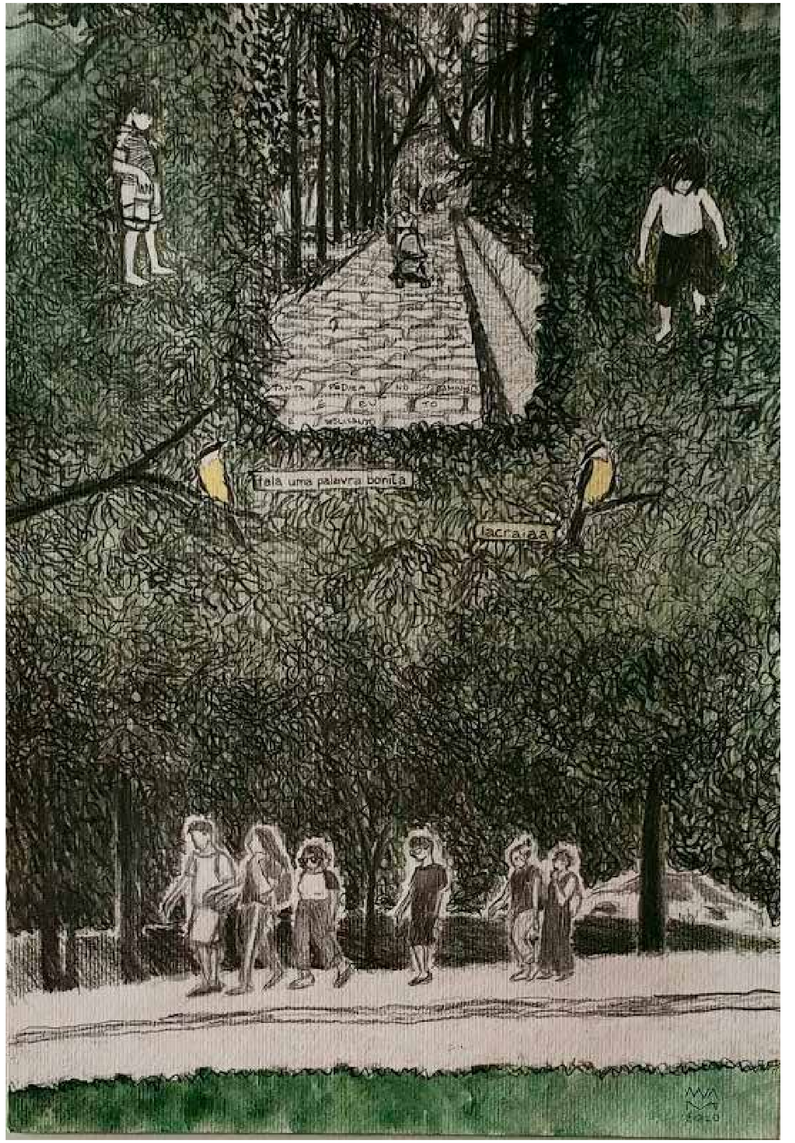
As obras apresentadas foram escolhidas a partir de relações estéticas e poéticas que eu percebi entre meus desenhos e as gravuras dos artistas Octo Marques e Tomie Ohtake. Meus desenhos, que fazem parte da série Jardim Labirinto de Memórias e Esperanças, exploram o tempo de um ponto de vista familiar, mas também observam a cidade e o que tem de orgânico nela. Refletindo sobre o tempo das plantas, mas também sobre o tempo das construções e dos espaços públicos especialmente de Goiânia.

Assim, a serigrafia de Tomie Ohtake escolhida entra nesse conjunto como o que lembra as plantas, as árvores, as folhas, os arbustos com as manchas verdes sobrepostas, o branco e o rosa, os detalhes, o trabalho da minúcia. Tanto a obra de Tomie Ohtake quanto Entrada ou Saída criam textura e profundidade com os elementos pequenos que vão se agrupando e formando um elemento inteiro grande e denso, mas ainda leve. Já na xilogravura de Octo Marques está presente a cidade, mas não uma tão populosa, movimentada e barulhenta como Goiânia. A cidade de Goiás é menor, mais calma, e muito diferente da capital atual do Estado. Observar a velha cidade de Goiás é ver uma história que começou muito antes da inauguração de Goiânia, mas que não parou no tempo.

Os quatro trabalhos, do colorido ao preto e branco, passam por um lugar bem distante do sintético, do virtual e da rapidez das tecnologias atuais. Seja uma obra que foi realizada em São Paulo, na cidade de Goiás ou em Goiânia, existe uma calma em comum. Todos compartilham uma forma de representar (ou de não representar, nas abstrações da obra de Ohtake): pouco turbulenta, apesar de todas apresentarem detalhes e pedirem tempo tanto para serem realizadas quanto observadas.

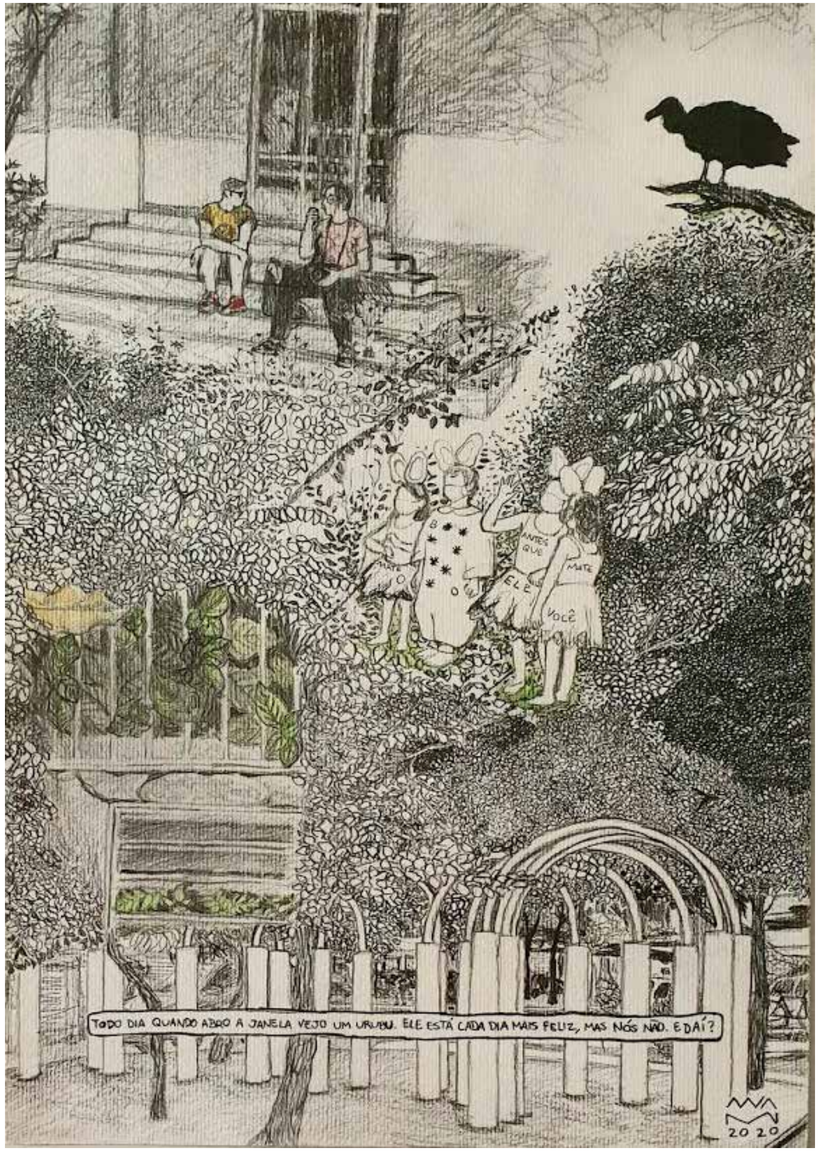


Tomie Ohtake
Sem título
1982
Serigrafia
68,5 x 64 cm



Ana Maranhão
Entrada ou Saída
2020
Grafite e Aquarela
sobre papel
21 x27 cm

Octo Marques
Sem título
1976
Xilografia sobre papel
14 x 8,8 cm



Ana Maranhão
Urubu
2020
Grafite e aquarela sobre papel
42 x 29 cm

minibio

Tomie Ohtake (Kyoto, Japão, 1913 - São Paulo- 2015)
Tomie Ohtake nasceu em 1913 em Kyoto no Japão e se mudou para o Brasil em 1936. Morava em São Paulo e era pintora, gravadora e escultora. É uma das representantes do abstracionismo no Brasil e faleceu em 2015.

Octo Marques (Cidade de Goiás, Goiás- 1916, Goiânia - 1988)
Octo Marques nasceu na Cidade de Goiás em 1916 e faleceu em 1988. Era pintor, ilustrador, gravador e ceramista.

Ana Maranhão (1998)
Ana Maranhão nasceu em 1998 e é estudante de Artes Visuais na UFG. Pesquisa zines e histórias em quadrinhos no seu selo PIO! Zines e trabalha com desenho.

Jhony Aguiar

A escolha curatorial dos trabalhos a seguir tomam como ponto de partida o "I Salão de Arte Contemporânea do Centro Oeste". Realizado no Centro Cultural UFG de 28 de abril a 17 de junho de 2011. É com base neste acervo que destaco dois artistas com trabalhos que atingem atravessamentos potentes no que diz respeito ao Contemporâneo.

De início, o artista Edney Antunes com o trabalho "Neo-ready-made Bio-tecnológico"de 2000. Uma instalação mostrada inicialmente no VII Salão da Bahia (2000-01). Apropriando-se de fotografias retiradas de revistas, manipulando-as e exibindo em caixas de luz, ao lado de espelhos de camarim, o artista convida o espectador a se olhar. Tendo o espectador como ativador do trabalho. A obra funciona como um carimbo de espectadores acionando visibilidades pela captação especular e pela luminosidade das lâmpadas acesas.

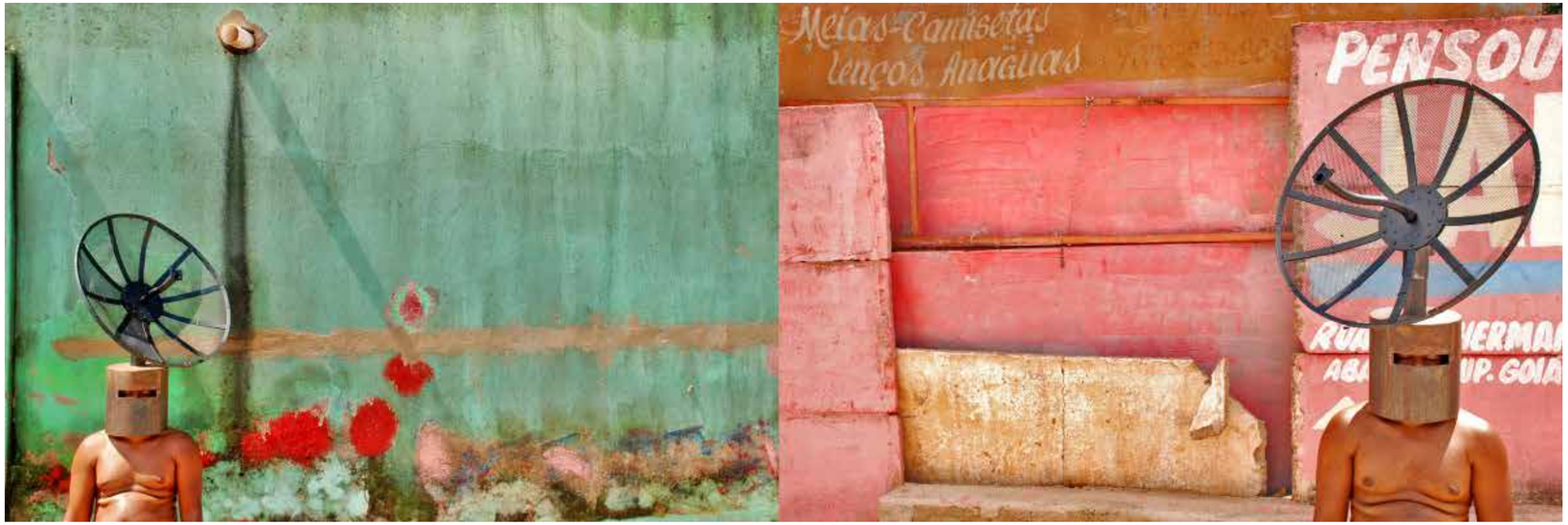
Ao longo de décadas de trabalho Edney Antunes criou obras de conteúdo político ou de cunho social. Apropriando-se de imagens da mídia para tratar de temas como problemas na infância, violência, religião, medo, marginalidade social, biotecnologia entre outros. Em um segundo momento, as fotografias de Dalton Paula com a série "Corpo Indivíduo" de 2011. As fotografias de Dalton Paula mostram o sujeito com uma máscara de ferro em situações de confronto com a rua, a cidade e também periferia.

Um assujeitamento antenado em meio a cores, texturas, luzes e espaços. Levantando questões sobre o posicionamento do sujeito na paisagem urbana. A cidade como espaço de ação e de intervenção do artista e as mídias tecnológicas como suporte para a mediação ou apresentação da obra.

Aproximo estes dois trabalhos da minha produção enxergando uma aproximação na poética e na presença marcante do corpo nos trabalhos. O corpo no espaço, o corpo como tema, o corpo como meio ativador. "Série $" nasce a partir de fotografias de notas de dinheiro em espaços diversos, seguindo a continuidade da rede social Instagram. No que diz respeito ao contemporâneo, os espaços e meios de veiculação de arte passam por um redimensionamento. Assumem potências diferentes e norteiam o futuro uso de tecnologias no campo das Artes

Edney Antunes
Neo-Ready-Made Bio-tecnológico
2000
Fotografias em back-light e serigrafia
sobre espelhos de camarim
02 peças de 70,5 x 60,5 x 12 cm
04 peças de 60 x 50 x 17 cm

Dalton Paula
Corpo Indivíduo B
2011
Fotografia laminada montada sobre PVC
60 x 180 cm



Dalton Paula
Corpo Indivíduo C
2011
Fotografia laminada montada sobre PVC
60 x 180 cm

Jhony Aguiar
Série "$"
2020
Fotografia digital
Dimensões variáveis

minibio

Edney Antunes (Goiânia, Goiás, 1966)

Edney Antunes - nasceu em Goiânia (GO), em 1966. Seus trabalhos incluem camisetas impressas com depoimentos sobre a realidade social de trabalhadores e desempregados. Atualmente trabalha em Aparecida de Goiânia.

Dalton Paula nasceu em 1982 em Brasília e vive em Goiânia. Paula trabalha com pintura, fotografia e instalação para explorar as exigências do Atlântico Negro, a produção de conhecimento no longo caminho da violência racial e os ritos e rituais religiosos da diáspora africana.

Jhony Aguiar (Marabá, Pará, 1993) Jhony Aguiar nasceu em 1993 e é estudante de Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás. Pesquisa intersecções entre fotografia e performance com enfoque nas narrativas do indivíduo negro e gay.

Lívia Chagas

Enquanto artista-pesquisadora venho desenvolvendo uma prática artística voltada para questões que partem de minha autobiografia e afetos. Por meio de autorretratos busco encontrar formas de entender meu corpo, como eu me relaciono com os outros e estabeleço relações de intimidade. De modo que trago elementos das minhas vivências e do meu quotidiano na forma de pintura, desenho e fotografia, dentre outras linguagens.

Em face da tarefa de relacionar minhas pesquisas artísticas com as obras em acervo do CCUFG, pesquisei por artistas que mantivessem, em algum nível, certa concordância com o que venho produzindo, seja em matéria de conteúdo ou forma. Assim me deparei com dois artistas: Cícero Dias e Fábio Baroli.

Nos trabalhos de Cícero Dias (1907-2003) eu sou muito atravessada pelo seu uso das cores. A composição de suas pinturas ganha um ar onírico e foge do real. Em Sem título (2000), encontramos uma serigrafia policromática, com o retrato de uma jovem no centro. Ao associar esse trabalho à minha produção, estabeleço conexões com o uso cromático, e o gênero retrato. Nos meus autorretratos a cor é um elemento-chave, visto que inicio meu processo com fotografias, realizo o desenho a partir dessas referências e, em seguida, inicializo a pintura sempre buscando uma explosão de cores.

Já nos trabalhos de Fábio Baroli (1981-), além da proximidade com o gênero do retrato, muito me atravessam seus gestos e suas marcas na pintura. Em Retrato de Alessandro Borges (Caju), de 2008, temos a figura de um homem nu sentado. Assim como em meu processo, Fábio Baroli usa da referência imagética fotográfica e dela se apropria. Seu conteúdo se volta para o quotidiano interiorano e, de certa forma, intimista, com o uso da nudez, dessa maneira eu consigo enxergar confluências em nossas pesquisas, no que tange à vontade de explorar o campo das intimidades e das relações.

Cicero Dias
Sem título
2000
Serigrafia sobre papel
43 x 32 cm

Fábio Baroli
Retrato Alessandro Borges (Caju)
2008
Óleo sobre tela
130 x 100 cm

Lívia Chagas
Sem título (da carne)
2020
Aquarela sobre papel
26 x 36 cm cada

minibio

Cicero Dias (Escada, PE, 1907 – Paris, França, 2003)
Cícero Dias foi pintor, desenhista e ilustrador. Teve sua trajetória artística iniciada na década de 1920, se ligando ao movimento regionalista de 1926, no Recife, em resposta à Semana de Arte Moderna de 22. Produziu trabalhos nos quais a cor e as paisagens se fazem muito presentes. Para o crítico Antônio Bento a obra do artista se remete ao surrealismo e também a um imaginário fantástico nordestino, em que mitos e fábulas estão presentes nas manifestações artísticas e na literatura de cordel. O artista foi celebrado no Brasil e exterior.

Fábio Baroli (Uberaba, MG, 1981)
É artista visual, vive e trabalha em São Paulo. Seu trabalho investiga vivências interioranas por meio da pintura, sendo marcado pela manipulação digital e apropriação de fotografias enquanto parte do processo artístico. Recebeu o Prêmio Funarte de Arte Contemporânea em 2012 e possui obras nos acervos do MAM –RJ, MAR- RJ e Museu Nacional de Brasília. Participou de diversas exposições no Brasil e no exterior.

Lívia Chagas (Vila Rica, MT, 1998)
É artista visual e vive em Goiânia, GO. Sua pesquisa se desenvolve através do desenho, pintura e fotografia. Seus trabalhos investigam o corpo e a intimidade permeados por questões como afeto e gênero. É estudante de bacharelado em Artes Visuais na Faculdade de Artes Visuais da UFG, e participa da Residência Ateliê Livre pela Escola de Artes Visuais de Goiás.

Melissa Davi

Com um olhar atento e minucioso sob o acervo do Centro Cultural UFG, é possível notar a singularidade de cada artista e tecer relações entre eles, como também entre suas obras. Ao analisar as produções desses artistas, duas obras se destacaram para mim. A primeira foi a serigrafia de Alfredo Volpi, Sem título, pelo uso de padrões e contraste entre as cores; a segunda foi A Máquina que produz floresta, de Rodrigo Godá, que prendeu a minha atenção pelo trabalho minucioso e a riqueza dos detalhes. Pensando no motivo pelo qual essas duas produções em específico tomaram a minha atenção, voltei para a minha produção e em como ela se relaciona com as obras desses artistas.

Em meus trabalhos, atravesso o caminho da interdisciplinaridade, estudando relações entre as visualidades e a dança. Em minhas obras, na sua grande maioria tridimensionais, busco investigar a sensação de movimento que algumas produções bidimensionais carregam, e pensando em quais são as ferramentas formais que possibilitam essa sensação. Relacionando essas questões as obras desses dois artistas, noto que a repetição de padrões, e o uso de cheios e de vazios, fazem com que uma obra que é bidimensional salte aos olhos, nos remetendo a relevos e movimentos. O uso de contraste que Rodrigo Godá utiliza entre espaços vazios e extremamente detalhados nos traz certa inquietude e, sutilmente, por meio de linhas o artista conduz nosso olhar pela obra, quase como uma dança. Já Volpi usa da repetição de um mesmo elemento para criar sua composição, estratégia que possibilita a noção de movimento em desenhos e pinturas; com o uso muito inteligente das cores, o artista consegue criar a ilusão de que alguns elementos saltam do papel, sendo realçados para o espectador.

De maneira geral, foi a concepção formal dessas obras que mais me chamou atenção. Porém, a minúcia dos detalhes me traz inquietude, e é isso que mais me desperta. Pensar em como esses artistas trabalham nos dá um novo panorama criativo, além do que, ter a experiência de passear por esse acervo e por obras de arte nesse atual momento, é como um suspiro no caos.

Alfredo Volpi
Sem título
s/d
Serigrafia sobre papel
40 x 60 cm

Rodrigo Godá
Máquina que produz floresta
2006
Acrílica, aquarela, giz de cera,
lápis de cor e nanquim
sobre papel
70 x 105 cm

Melissa Davi Araújo
Fluxo
2019
Cerâmica e bordado sobre tecido
250 x 97 cm

minibio

Alfredo Volpi (Lucca, Itália, 1896 – São Paulo, SP, 1988)
Alfredo Volpi nasceu em 1896, na cidade italiana de Lucca, mas se mudou com a família em 1898 para a cidade de São Paulo, onde viveu durante quase toda a vida, falecendo em 1988 aos 92 anos de idade. De família humilde, em 1912 começou a trabalhar como pintor e escultor, pintando em madeiras e telas. Aproximou-se mais do circuito da arte em 1930, ao ingressar no Grupo Santa Helena. A partir da década de 1950 Volpi foi gradativamente se afastando da arte figurativa e passou para pinturas abstratas. Entre as décadas de 40 e 70 o artista pintou temas religiosos, populares, fachadas, mastros e bandeirinhas, temas que lembram festas de São João e Juninas, típicas do interior do Brasil, temas ligados ao imaginário brasileiro. Volpi trabalhou com o plano, porém, de modo a criar a impressão de movimento em suas telas.

Rodrigo Godá (Goiânia, GO, 1980)
Rodrigo Godá nasceu em Goiânia, em 1980, e tem despontado como um dos grandes talentos da nova geração de artistas, já ultrapassando as fronteiras de seu estado e hoje conquistando expressão nacional. O artista guarda da adolescência lembranças do artesanato brasileiro, da arte indígena e festas populares, e junto com suas referências artísticas traz vestígios desses aspectos para sua produção. Sua grande inspiração é a natureza, com todas suas cores, desenhos e formas. É um artista de grande liberdade e grandes recursos de imaginação, o suporte que mais utiliza são papel e tela, criando desenhos com um rico repertório de símbolos e informações, mesclando o lúdico com o lírico. Com um desenho despojado, marcado pelas linhas e contornos, Godá coloca sobre as superfícies interpretações daquilo que o rodeia com uma originalidade singular.

Melissa Davi Araújo (Ipameri, GO, 1994)
Nasceu em Ipameri-GO, em 1994. Desde muito nova teve uma relação forte com as artes, principalmente com o balé clássico. Fez aulas de dança por toda sua infância e adolescência, sendo atraída pela leveza e delicadeza da dança clássica. No ensino superior optou estudar Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás, pensando na abrangência do curso e no estudo de diversas formas de expressão artística. Atualmente mora em Goiânia - GO, e atua como professora de dança e pesquisadora nos campos das artes visuais e cerâmica.

[deslocamentos]

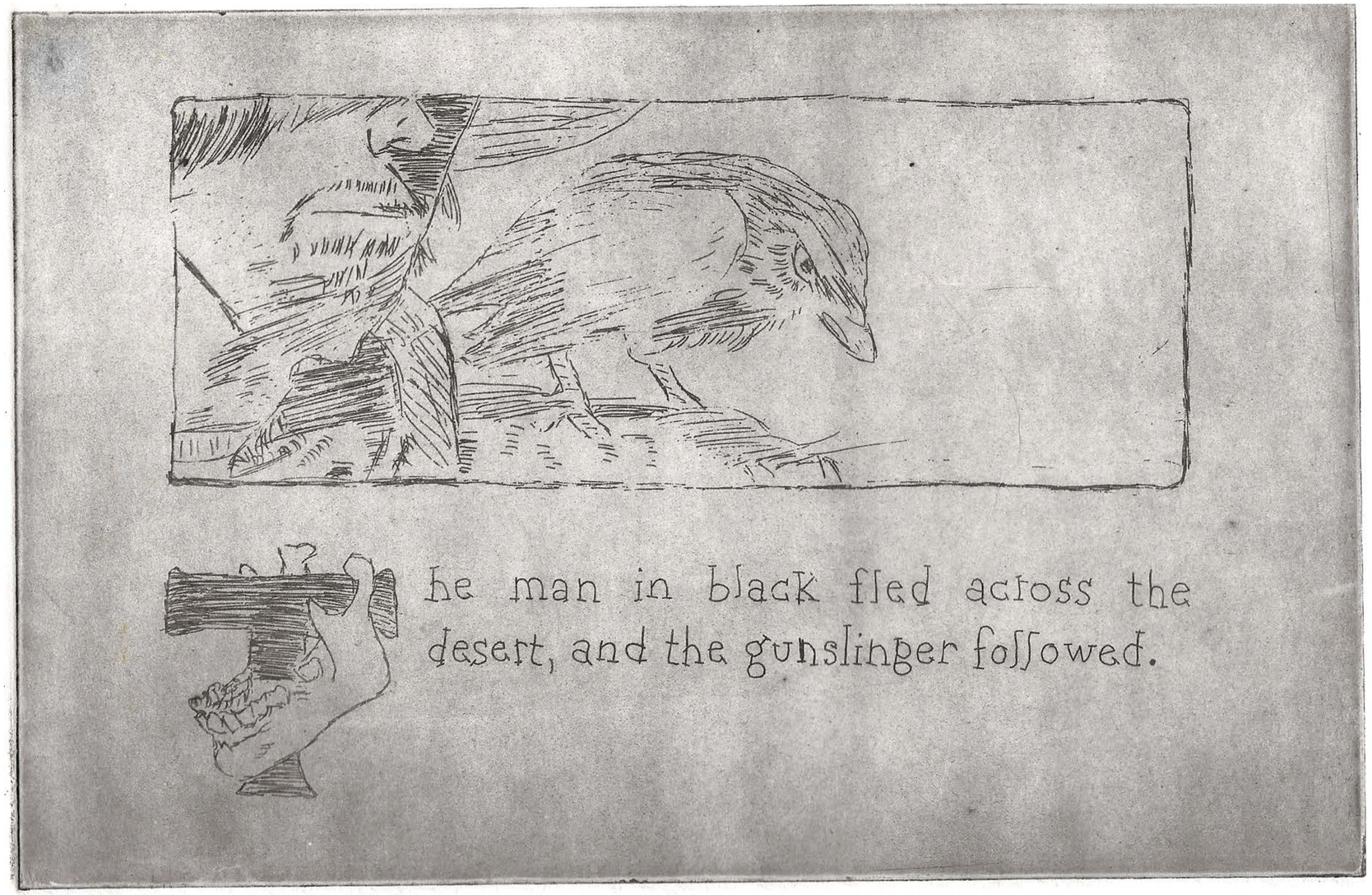
Alice Castro Cardoso

Com a finalidade de execução do projeto proposto na disciplina de Estágio I 2020/1 da FAV/UFG, duas obras encontradas no acervo do Centro Cultural UFG foram selecionadas. Obras estas, que eu considero terem uma relação com meu fazer artístico: a obra Metrópoles 51, do artista ZéCèsar e Travessia, do artista Fernando Thommen. Elas foram escolhidas, primeiramente, por suas visualidades, mas também devido ao apreço pessoal por obras que começam a definir o seu conceito de imediato, através da sua apresentação.

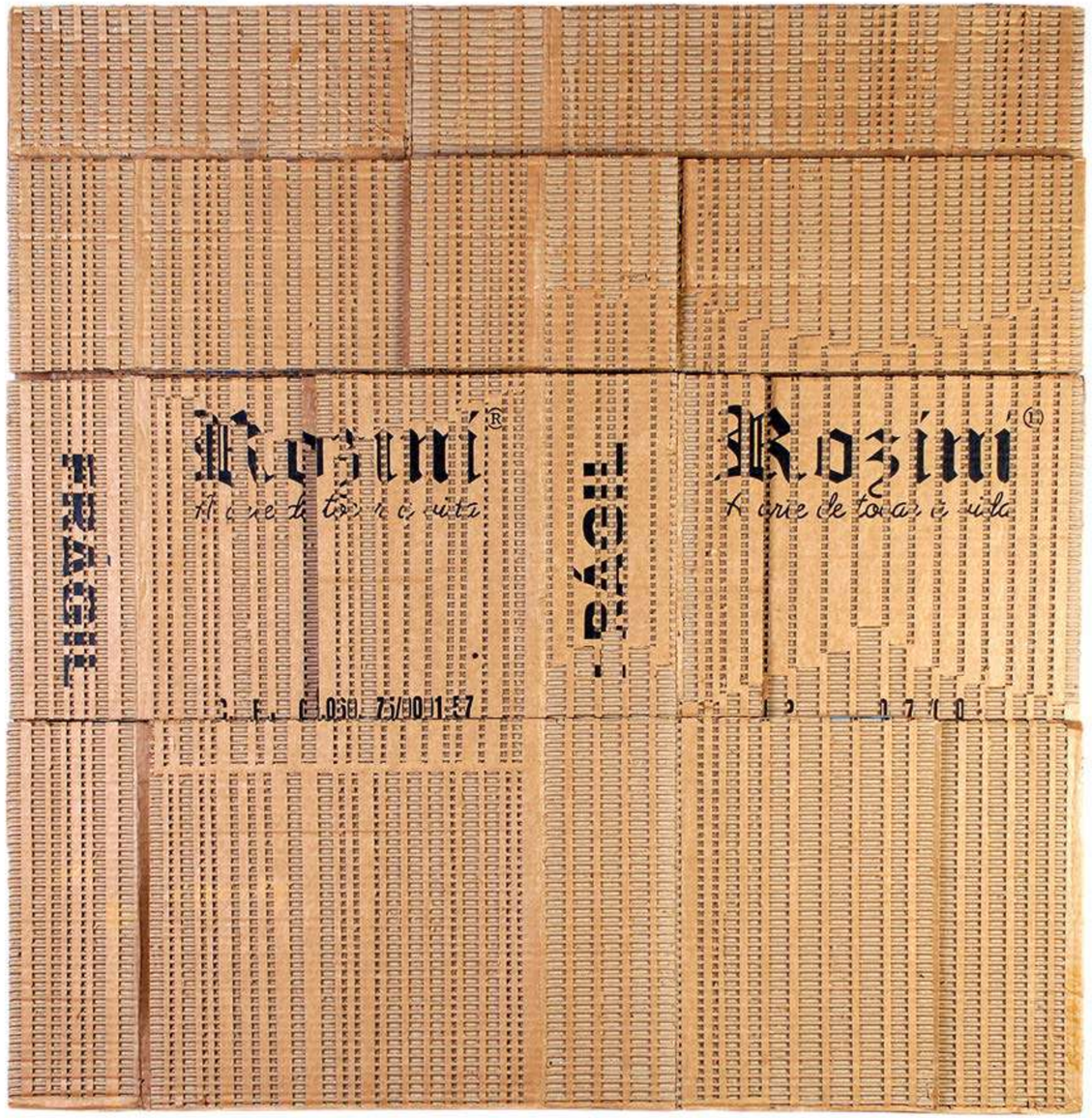
Metrópoles 51 surgiu pelo fato do seu objeto atrelado às representações e às ideias de cidades, edifícios e construções, tema que muito me interessa. Gosto de fazer fotografias desse assunto, de ângulos, linhas e retas, assim como a geometria das edificações me fascina. Além de criar interferências nesse ambiente urbano através da produção de grafites, lambes ou painéis. A segunda obra responde a uma predileção que vem se justificar, primeiramente, pela minha identificação artística com a técnica da gravura. Posterior a isso, eu percebo a sua relação com os temas de atravessamentos e de inconstância do lugar. Parte da minha pesquisa vai de encontro ao ser e estar em lugares geográficos e como isso vem afetar e influenciar um certo fazer artístico.

Em ambas produções, visualizo uma certa objetividade no modo de trazer a narrativa da obra para o espectador, algo que chama muito a minha atenção. Formada em publicidade, sempre fico atenta para que a comunicação do conceito das minhas criações sempre seja clara e direta e que, além de sempre presente, é essencial para meu processo criativo, seja este mediado por meio de palavras, dizeres ou imagens bastante figurativas e sugestivas em sua apresentação.

Fernando Thommen
Travessia
1987
Xilogravura
28 x 39 cm



Alice Castro Cardoso
As Ilusões de Roland
2018
Água Forte
21 x 29,7 cm



Zé César
Metrópolis 51
2006
Colagem/escultura sobre papelão
100 x 95 cm

Alice Castro Cardoso
Eram os Deuses Astronautas
2018
Linoleogravura
29,7 x 42 cm

minibio

José César Teatini de Souza Clímaco (Volta Redonda, RJ, 1950)
Artista plástico e trabalha principalmente com gravura. Nascido em 1950 em Volta Redonda-RJ, é graduado em Ciências Sociais e em Artes Plásticas pela Universidade Federal de Goiás e doutorado em Artes pela Universidad Complutense de Madrid. Foi professor de gravura na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás desde 1980.

Fernando Thommen Dias (Belo Horizonte, 1957, Goiânia)
Formado em Artes Plásticas na Escola Guignard, de Belo Horizonte, MG, tem cursos de extensão e aperfeiçoamento de gravura em metal com Ana Maria Pacheco e participou do Ateliê de Gravura em Metal da Universidade Católica de Goiás, em 1981. Naturalista, realizou várias exposições mostrando as várias faces da paisagem do Brasil Central. Na gravura, desenvolveu técnicas particulares de impressão e aproveitamento de materiais para confecção de matrizes e o uso de papéis feitos com fibras naturais e reciclados.

Alice Castro Cardoso (Campinas, SP, 1995, Goiânia)
Sou Alice Castro Cardoso, nascida em 1995, paulista filha de uma baiana e um sergipano, mas que carrego um pouco de todos os cantos do Brasil em que já morei. Bacharela em Publicidade e Propaganda com mais de 5 anos de experiência com redes sociais e criação artística digital, também atuo como editora audiovisual. Atualmente pesquiso sobre colonialidade do saber nas redes sociais.

Antônio Filho

Quando comecei a seleção de obras no acervo do CCUFG, meus critérios eram bastante flexíveis. Buscava simplesmente elementos estéticos ou poéticos que remetessem à minha produção. Para a minha surpresa, mesmo sendo tão pouco criterioso, consegui perceber um fio de conexões bastante forte entre as obras minhas que eu decidi expor e aquelas que selecionei no próprio acervo.

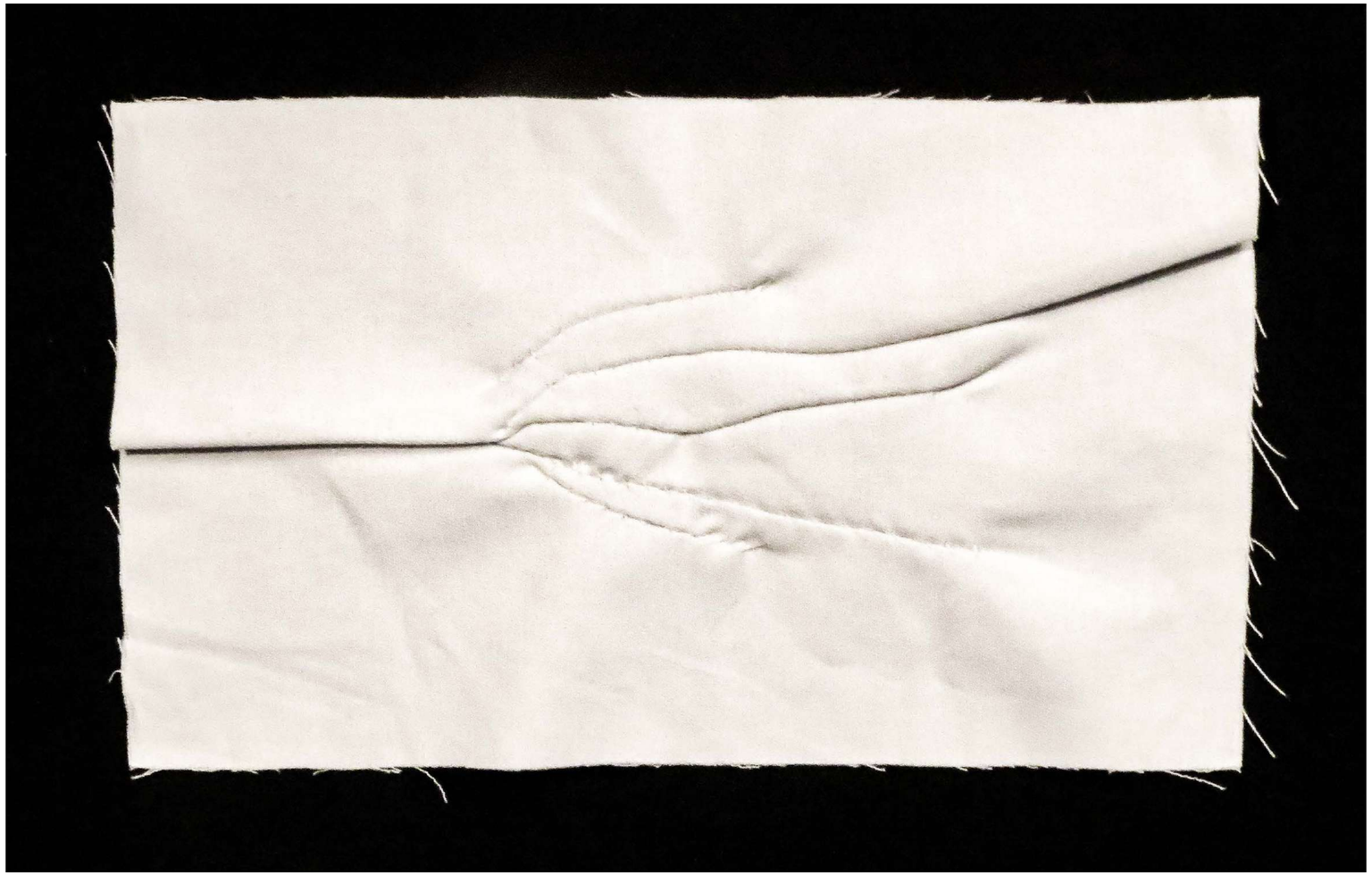
Nos meus dois trabalhos que eu apresento, a linha é um elemento tanto material quanto conceitual. Na série de fotografias Rituais Domésticos I, capturo imagens minhas em intervalos de tempo regulares enquanto danço no tablado que eu construí na sala de minha casa. Já em Rugas, replico o padrão dos vincos do rosto de minha falecida avó com linha de costura e algodão cru. Em ambos dos trabalhos, a linha surge como uma ferramenta para capturar momentos. Seja o momento durante o meu trajeto no espaço em que a câmera falha em capturar criando linhas de velocidade que distorcem a minha figura, ou o momento da velhice de minha avó que retrato costurando sulcos no tecido.

Os trabalhos de Pedro Ivo Verçosa e de Glayson Arcanjo me inspiraram a refletir sobre a gestualidade nessas obras, a princípio estáticas. A pensar as linhas de velocidade, os pontos da costura, as pinceladas e os traços de lápis para além de registros de um movimento localizado no passado. Enquanto espectador das obras desses outros artistas, eu sou incapaz de apreciar suas obras sem movimentar-me, seja remontando o caminho das mãos do artista no momento da execução, seja cartografando caminhos novos para o olhar sobre estas imagens.

Pedro Verçosa
Sem título
2008
Óleo sobre Tela
100 x 75 cm

Antônio Filho
Série *Rituais Domésticos I*
2018
Fotografia digital
Dimensões variáveis

Glayson Arcanjo
Série *Entreriscos*
2008
Grafite sobre papel manteiga
17 módulos de 100 x 70 cm (cada módulo)(políptico)



Antônio Filho
Rugas
2018
Linha de costura e algodão cru
17 x 30 cm

minibio

Pedro Ivo Verçosa (Brasília, DF 1986 – 2020)
Foi um artista brasiliense, graduado em Artes Visuais pela UnB. Co-fundador do espaço Breu na cidade de São Paulo, Verçosa trabalhava com as técnicas da pintura, da fotografia e do vídeo, entre outras, através das quais discutia questões como o tempo, as relações humanas e a espacialidade.

Glayson Arcanjo (Belo Horizonte, MG-1975)
Glayson Arcanjo é natural de Belo Horizonte - MG. Além de artista visual é professor Auxiliar na área de Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Desenvolve seu trabalho em desenho desde 2010. Atua principalmente com os temas de processos de criação e desenho. Bacharel em Artes Plásticas pela UFU. Mestre em Artes pela Escola de Belas Artes da UFMG, Belo Horizonte. Doutorando em Artes Visuais pelo Instituto de Artes da UNICAMP.

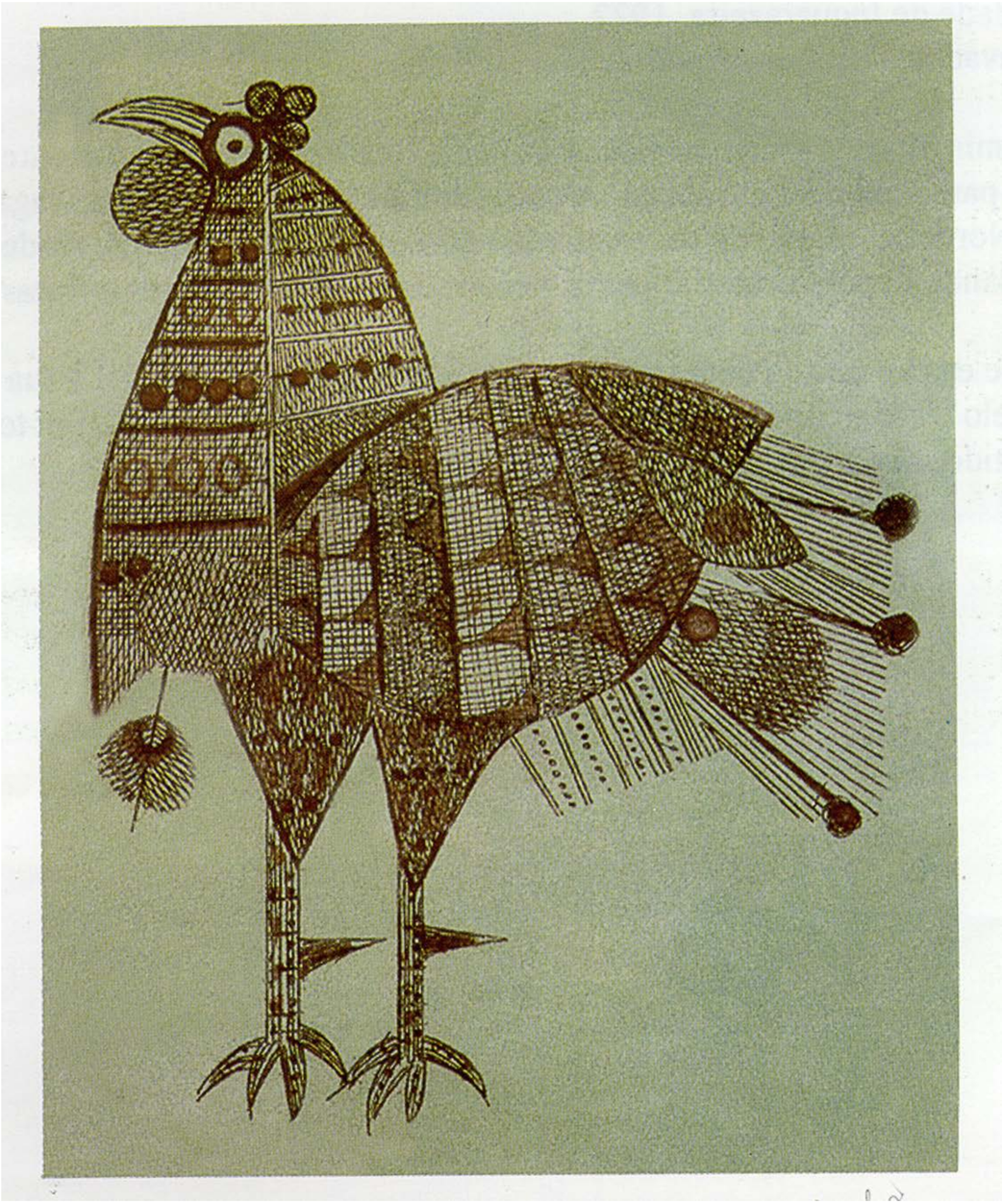
Antônio Filho (Itapuranga,GO- Goiânia)
Antônio Filho é natural de Itapuranga, GO, vive e trabalha em Goiânia. É estudante de bacharelado em Artes Visuais na Faculdade de Artes Visuais da UFG. Seus trabalhos transitam pelas linguagens do desenho, da gravura, da fotografia, da escultura e do objeto, tratando de questões desde o afetivo, o doméstico e as paixões, até o envelhecimento e a morte.

Evelyn de Negreiros Bonfim

A proposta desta curadoria, compartilhada, em que recebemos o desafio de lançar nosso olhar sobre o acervo do CCUFG, e permitir que ele nos atravessasse, encontrando pontos de tangência com nossos trabalhos, resultou na construção de um diálogo inusitado. Tomei em consideração algumas semelhanças de representações e cheguei na escolha dos artistas Aldemir Martins e Maciej Babinski.

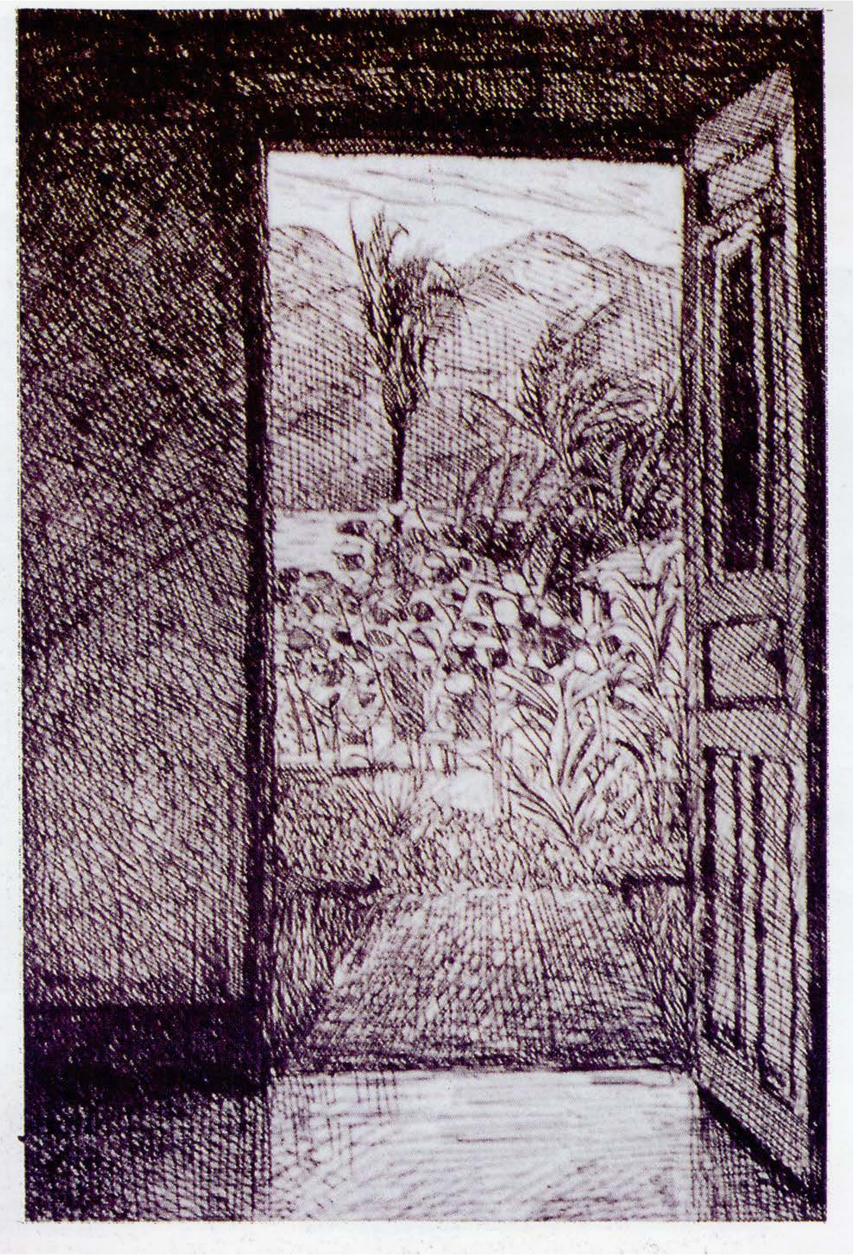
A gravura de Aldemir Martins, representando um galo, surge da trama de linhas e nos remete ao trabalho de uma renda. O artista representava em muitas obras os seres e a cultura de sua terra. Ele se admirava da aparição do galo no monocromatismo do sertão nordestino, e achava a sua expressão por meio das tramas das rendeiras. Maciej Babinski retrata uma paisagem interiorana observada através de uma porta, vista a partir do interior de uma casa: "creio que a minha paisagem toda é reestruturada sempre em relação à horizontal e à vertical"; estrutura esta que se observa nas intersecções das hachuras, e na contraposição do primeiro e segundo plano.

Como Aldemir Martins, eu represento um galo. Há linhas na composição, e as semelhanças param por aí. Ele fala das tramas de sua terra em um galo desperto. Eu espero o canto, espero por um relógio adormecido. O ponto se concentra no símbolo que a imagem do galo traz: o tempo. Segundo Laplantine e Trindade (2017), a convenção que caracteriza o símbolo reúne indivíduos de um grupo social de forma afetiva em torno dele. Já posso imaginar Babinski acomodado dentro de uma casa de chácara, observando lá fora, através da porta, a imensidão. Ele se perdia na paisagem ou tentava equilibrar ao contrário linhas? Ao olhar através desta porta, me lembrei de um trabalho fotográfico que fiz. Também olho através da varanda no meio da qual eu me encontro transportada da rotina para o devaneio. Para Dias (2008) a paisagem se revela na rotina, em um deslocamento do olhar: "é o instante onde conseguimos ver a poesia das formas". Aqui, o ponto é esse deslocamento, olhamos através. Assim como nos foi dado incentivo, espero que quem percorre este catálogo repouse os olhos com curiosidade, e que possa vivenciar e fruir suas próprias experiências criativas, encontrando a liberdade para sua imaginação e reflexão.



Aldemir Martins
Sem título
2000
Água forte e água tinta sobre papel
28 x 29,5 cm

Evelyn de Negreiros
Pai tempo
2019
Grafite sobre papel
42 x 29,7 cm



Maciej Babinski
Sem título
1971
Água forte e água tinta sobre papel
14,5 x 10 cm

Evelyn de Negreiros
Sem título
2019
Fotografia digital
Dimensões variáveis

minibio

Aldemir Martins (Ingazeiras, CE, 1922 – São Paulo, SP, 2006)
Foi pintor, gravador, desenhista, ilustrador e também fez esculturas. Em 1941 participa da criação do Museu de Belas Artes de Fortaleza, que depois passou a ser a Sociedade Cearense de Artes Plásticas. Vai para São Paulo em 1945 onde realiza sua primeira mostra individual e retoma o trabalho de ilustração; entre 1949 e 51 frequenta cursos no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand – MASP. Aldemir Martins, dentre várias premiações, recebeu da 1ª Bienal de São Paulo o prêmio de aquisição para o desenho, e também foi premiado como melhor desenhista internacional na 28ª Bienal de Veneza. Sua produção foi, desde o início, figurativa, fazendo referência à cultura regional com emprego de um repertório formal que se repetia, como: aves, sobretudo galos, cangaceiros, gatos, rendeiras, flores e frutas, e ainda a paisagem e o homem do Nordeste.

Maciej Babinski (Varsóvia, Polônia, 1931)
Gravador, ilustrador, pintor, desenhista e foi professor de Artes na UNB e UFU. Antes de se mudar para o Brasil em 1953, migra com a família para a Inglaterra, onde aprendeu aquarela e pintura ao ar livre com Pr. Raphael Williams O.S.B., e depois para o Canadá onde estuda pintura, desenho, gravura, pinta paisagens, interiores, naturezas mortas e apresenta sua primeira individual. Foi influenciado por vários artistas como John Goodwin Lyman, Eldon Grier, Goodrich Roberts e Paul-Émile Borduas expoente do grupo Les Automatistes dos quais Babinski se aproxima. No Brasil, conhece Oswaldo Goeldi, Augusto Rodrigues e Darel. Suas experiências de viagem, e diferentes tradições artísticas que experimenta ao longo delas, vão dar os contornos às obras do artista. As viagens que faz pelo Brasil estão em seu repertório, como as paisagens luminosas de Araguari-MG e do Triângulo Mineiro, anos 70 e 80, e da região do nordeste brasileiro mais recentemente. O artista tem hoje 89 anos e vive em Várzea Alegre – CE, onde criou uma galeria de arte.

Evelyn de N. Bonfim (Ceres, GO, 1981)
Reside em Goiânia – GO e é estudante do curso de Bacharelado em Artes Visuais da UFG. Tem desenvolvido sua pesquisa plástica e poética artística em torno da ideia de tempo, através do desenho, fotografia.

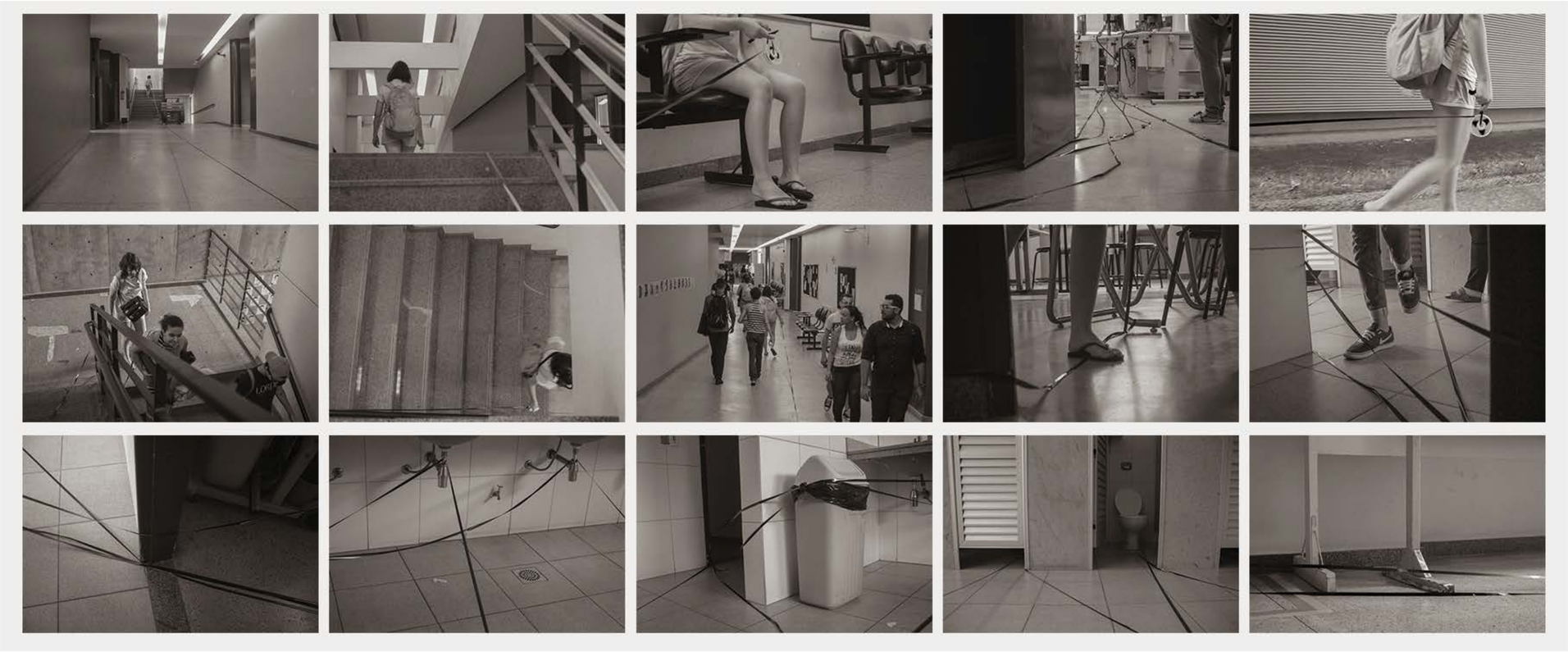
Karina A. André

As obras escolhidas do acervo do Centro Cultural da Universidade Federal de Goiás foram selecionadas a partir de relações visuais estabelecidas com minha obra autoral, partindo do conceito da 'fragmentação'. Os trabalhos escolhidos foram uma xilogravura sem título de Frei Confaloni, e uma gravura água-tinta de Heleno Godoy, também sem título.

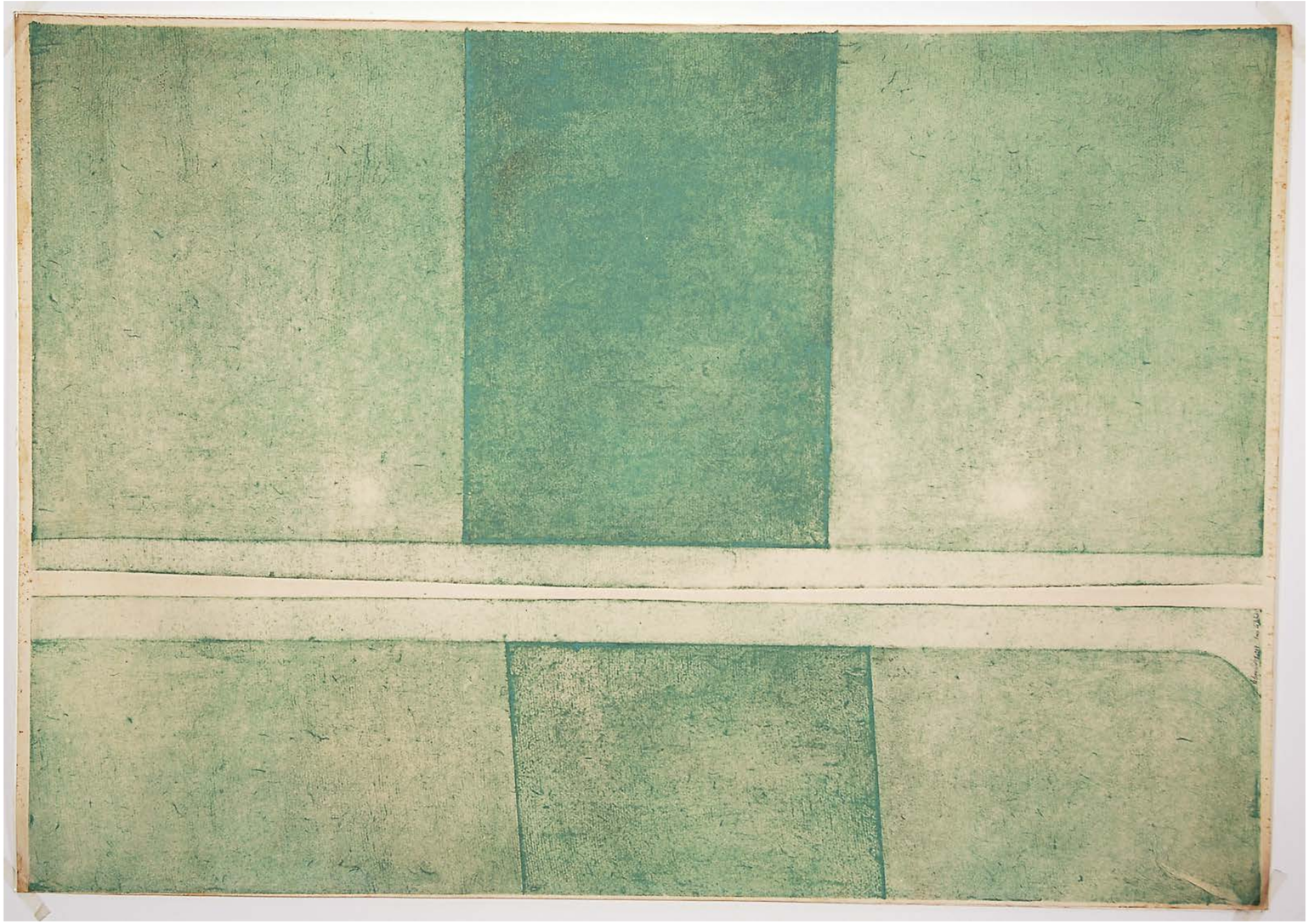
Os trabalhos autorais que escolhi para dialogar foram uma performance chamada MAPA, e um conjunto de gravuras chamado O Alongamento do Bailarino, que faz parte de uma série. Tanto na performance quanto na gravura eu trabalho os conceitos de fragmentação, fragmentando meus passos no espaço e fragmentando literalmente a perna de um bailarino, respectivamente. A primeira relação estabelecida entre as obras foram as fragmentações visuais, suas repartições, divisões. Já com um segundo olhar conseguimos ver também o uso da linha, a relação com a cartografia, o espaço. O fato de usar uma fita VHS para demarcar os espaços que passei, sendo essa fita um objeto gravado, como as gravuras também é um ponto a ser considerado.

Embora as obras dos artistas escolhidos não trabalhem a fragmentação como conceito principal, devido alguns fatores visuais essa relação é possível, visto que a fragmentação, dentro do meu trabalho, é um modo de olhar, e não necessariamente uma obra fragmentada.

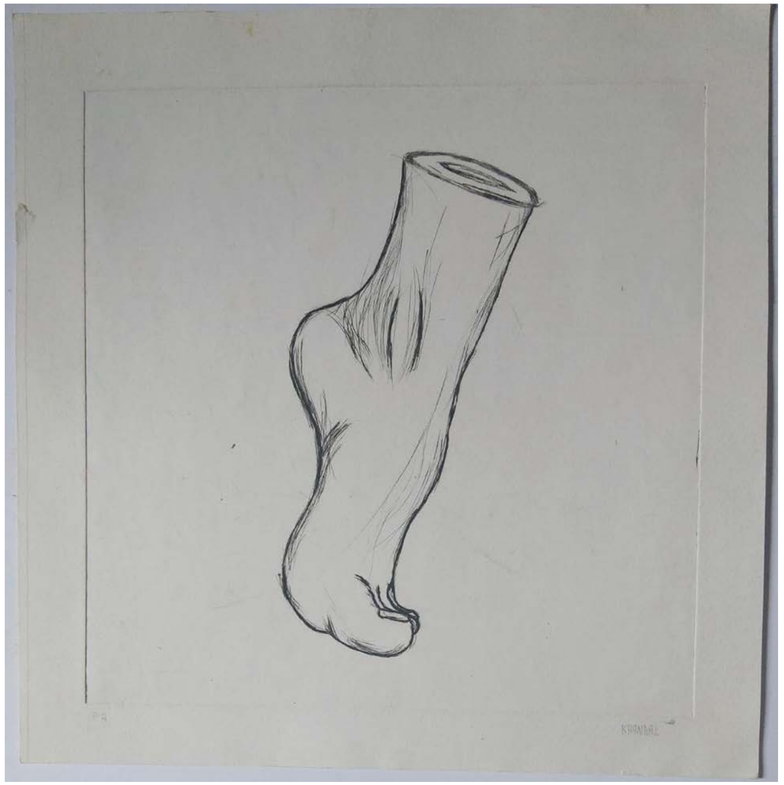
Frei Confaloni
Sem título
2000
Xilografia
17 x 25,1 cm



Karina A. André
MAPA
2019
Registros da performance
Dimensões variáveis



Heleno Godoy
Sem título
1969
Gravura sobre papel
79 x 99 cm



Karina A. André
Série *O Alongamento do Bailarino*
2018
Gravura sobre papel
30,2 x 29,7 - 34,3 x 29,7 - 40,4 x 29,7, respectivamente

minibio

Frei Confaloni (Itália, 1917 – Goiânia, Brasil, 1977)
O pintor, muralista, desenhista e professor Giuseppe Confaloni, conhecido como Frei Confaloni nasceu na Itália em 1917. Em 1952, ao se mudar para Goiânia, se dedica à pintura religiosa ao mesmo tempo que desempenha atividade religiosa como vigário da paróquia de São Judas Tadeu. Mais tarde, juntamente com Luiz Curado, inaugura a Escola Goiana de Belas Artes (EGBA), onde leciona pintura e desenho. Também foi professor fundador da Faculdade de Arquitetura da Universidade Católica de Goiás (UCG). Em 1977, Frei falece inesperadamente de enfisema pulmonar deixando um legado para a cidade de Goiânia.

Heleno Godoy (Goiatuba, GO, 1946)
Heleno Godoy nasceu em Goiatuba, Goiás, em 1946, e reside atualmente em Goiânia. É professor, escritor, artista plástico, tem diversos livros publicados, entre eles livros de poesias e romances. Se formou mestre na University of Tulsa (Tulsa, Oklahoma, EUA), e doutor pela Universidade de São Paulo.

Karina A. André (Jaru, RO, 1998)
Estudante de Artes Visuais, nasceu no interior de Rondônia, em 1998, onde viveu até seus 18 anos. Ingressou na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, em 2017, onde inicia seus trabalhos artísticos.

[profundeza]

Fabiana Francisca Santos

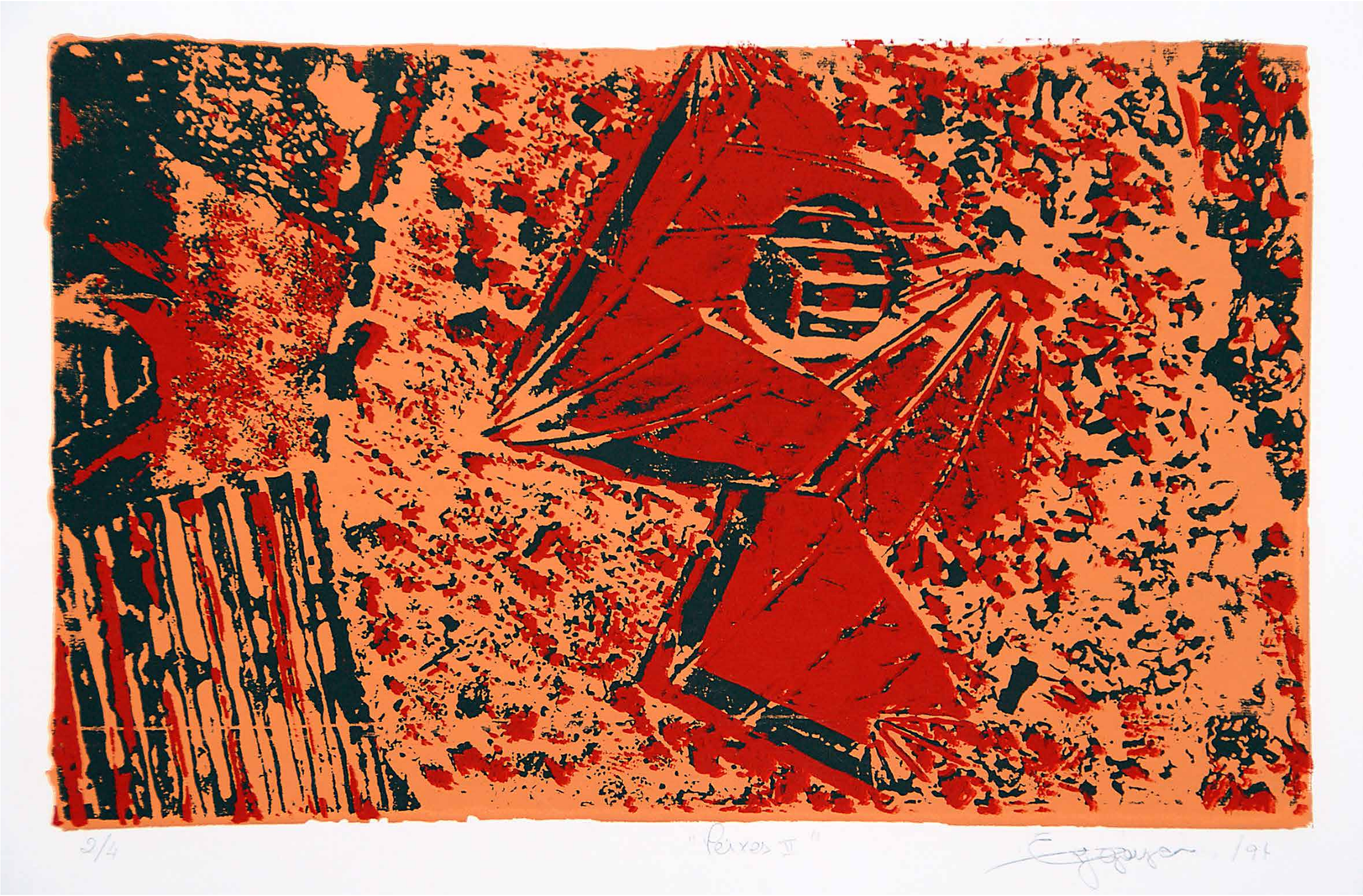
Por fins de realização do projeto proposto na disciplina de Estágio da FAV/UFG, foram selecionadas uma pintura Sem título do Artista Cleber Gouvêa e uma serigrafia da Artista Edna Goya. Essas escolhas se justificam por ter uma conexão que permeia o universo do ateliê da Gravura da Faculdade de Artes Visuais. Cleber Gouvêa ministrou a disciplina de Gravura e de Pintura na FAV, e foi professor do Artista José César Teatini Clímaco (Zé César), Mestre que me iniciou nos mergulhos em gravura. Não conheci o professor Cleber Gouvêa, mas desde que fiz imersão no ateliê de gravura, eu me lembro de sua foto acima da porta de entrada do ateliê, de escutar histórias, das conversas sobre ele. Por essas reverberações sensíveis, sinto um profundo respeito pelo professor e artista que é lembrado com alegria e saudade.

A artista Edna Goya também está ligada ao ateliê de gravura e aqui me atenho a sua série denominada Peixes, pois ela me faz debruçar sobre ensinos e mistérios da pedra calcária, da serigrafia, da xilogravura, e dos peixes que me acompanham nas imersões arqueológicas e alquímicas do gravar.

A pintura escolhida de Cleber Gouvêa trata dos fósseis, expande a dimensão dos caracóis; através de suas cores, formas e texturas, o artista criou uma composição que narra histórias. Essa obra me transporta para os ensinos da pedra calcária que contém e conserva, em sua formação lítica, fósseis de animais e de plantas. Em minha relação com a litografia eu me disponho a escuta-la e a encantar-me com essa grande e velha - muito velha - senhora que abre portais para as memórias gravadas na matéria pedra. A gravura de Edna Goya me conecta aos peixes, aos fósseis de peixe. Eu me ponho a imaginar sobre o encanto desses seres, assim como das criaturas das águas, que submergem das pedras litográficas com força e me atravessam como se subissem de sua morada para respirar, e voltassem às profundezas da pedra novamente para o processo de granitagem.

Estes trabalhos me levam exatamente para as profundezas que quero tratar, a pedra, os fósseis, os peixes. Ouso dizer que eu conheço de alguma forma esses locais simbólicos e poéticos observados nas obras de Cleber Gouvêa e de Edna Goya. Em meu trabalho Urucuia, uma litogravura realizada pela supervisão do grande Mestre Hélio Soares, no ateliê Guaianases de Gravura, lancei-me no rio vermelho, o rio do meu nascimento. Em meio aos peixes e buritis, alcancei bons ensinos. A gravura trata de muitos universos; um deles é o poder das histórias guardadas na memória do mundo. Ensinos fortes gravados no interior da madeira, da pedra calcária, do barro.

Cleber Gouvea
Sem título
s/d
Técnica Mista sobre tela
100 x 99 cm



Edna Goya
Peixes II
1991
Serigrafia
19 x 30,5 cm

Fabiana Francisca Santos
Urucuia
2018
Litogravura
29,7 x 42 cm

minibio

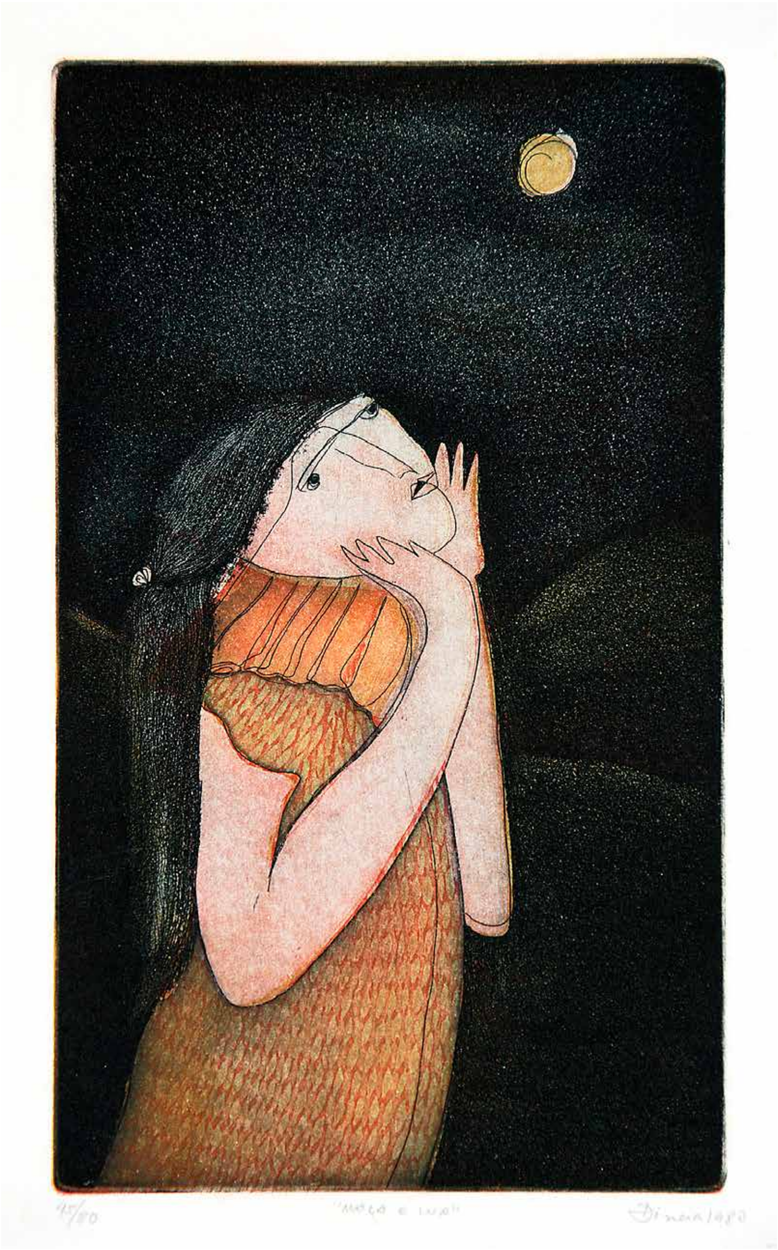
Cleber Gouvêa (Uberlândia, MG, 1942 - Brasília, DF, 2000)
O Artista Cleber Gouvêa nasceu em Uberlândia, 1942, aos doze anos já demonstrava interesse pelas práticas artísticas. Passa um tempo vivendo em Belo Horizonte, mas em 1962 muda-se para Goiânia, vindo a se tornar um expoente importante na história da arte moderna goiana. Cleber Gouvêa desenvolveu-se artisticamente na pintura, gravura e escultura. Fez parcerias com grandes nomes da arte em Goiás. "Na prática da arte moderna em Goiás, D.J. Oliveira e Cléber Gouvêa acabam assumindo também o papel de 'pioneirismo'. (...) Assim afirmamos o conjunto dos cinco artistas precursores formado pelo gravurista e escultor Luiz Curado, o pintor Frei Nazareno Confaloni, o pintor, gravurista e muralista D. J. Oliveira, o escultor Gustav Ritter e o gravurista e pintor Cléber Gouvêa". (Borela, 2009, pg. 21) Cleber Gouvêa tem uma enorme lista de exposições, obras, e pessoas que foram atravessadas por seu trabalho, o artista e professor Carlos Sena Passos escreve sobre Cleber Gouvêa um ensaio para a revista visualidades da UFG e afirma "na consolidação do processo artístico em Goiás, um nome é unanimemente reconhecido por sua participação notória, tanto como artista quanto como professor: Cleber Gouvea." (Passos, 2012, pg. 248). Foi professor de gravura e pintura e atuou no Instituto de Belas Artes de Goiânia em 1962, e logo no início do Instituto de Artes da Universidade Federal de Goiás assumiu o cargo de professor de gravura e depois de pintura.

Edna Goya (Araguacema, TO, 1952)
Edna Goya é graduada em Licenciatura em Educação Artística pelo Instituto de Artes da Universidade Federal de Goiás (1984), em Bacharelado em Artes Visuais - Gravura, pelo Instituto de Artes da Universidade Federal de Goiás (1992), e tem Especialização em Educação pela Universidade Católica de Goiás (1986), Especialização em Ensino de Arte, pela Universidade Federal de Goiás (1988), Mestrado em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (1998) e Doutorado em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2006). Docente aposentada da FAV/UFG, onde atuou na área de Artes e ensino, História, Teoria e Crítica, com ênfase em Gravura, atuando principalmente nos seguintes temas das Artes Visuais: educação, ensino de arte, gravura, cultura e processos criativos. Foi Membro do Comitê Interno de Educação Tutorial da UFG (PET/UFG), foi Coordenadora do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) da FAV/UFG e Membro do Comitê Interno Programa de Bolsa de Licenciatura da UFG. Foi Coordenadora do Curso de Artes Visuais Licenciatura da FAV/UFG e Coordenadora de Estágio do Curso de Artes Visuais Licenciatura da FAV/UFG durante três anos e meio. É Membro do Comitê de Educação em Artes Visuais da ANPAP.

Fabiana Francisca Santos – Franxica (Buritis, MG, 1996)
Fabiana Francisca nasce em Buritis de Minas, inicia seus anseios artísticos logo adolescente, indo para Brasília e depois Goiânia, onde é estudante de Artes Visuais pela FAV-UFG. Investiga o campo da gravura em diversas linguagens, pesquisando as relações entre os processos de criação em gravura, a escola espiritual no Santo Daime e a visualidade da arte visionária, produzindo fragmentos visuais de experiências transcendentes. As relações entre a gravura e o Santo Daime levaram a artista pesquisadora a criar um novo conceito: A Gravura Visionária.

Lilian Oliveira Nunes Manso

A dinâmica disposta foi a escolha de duas obras do referido acervo, disponíveis do banco de dados Tainacán e de duas obras minhas.
Ao contemplar o acervo, me deparei com obras dos mais variados estilos, períodos e temáticas, percebi quão grande seria o desafio de escolher apenas duas obras desta tão rica coleção.
Decidi, então, que essa escolha teria como ponto de partida os meus sentidos. Tenho observado em meu fazer artístico que, por vezes, tento capturar a emoção que me movimenta, um instante margeado no suporte bidimensional, venho retratar a figura da mulher entregue ao tempo por meio de linhas despretensiosas por meio das quais a luz venha contrastar com o negro absoluto.
Então eu selecionei as obras da artista goiana Dinéia Dutra, duas gravuras, duas águas fortes, intituladas A moça e Lua e Mulher, ambas datadas de 1980. Duas mulheres, duas noites. Enxerguei nestas obras as mulheres à mercê do tempo, ao contemplar a angústia da chegada de algo: minha identificação foi imediata. O que me atravessa na arte é justamente o que de fato desnuda meu olhar; em alguns momentos me deparo com rigidez de corpos distorcidos e esculpidos pelo tempo, mascarados por uma cortina lúdica, por longas noites em contraste com a lua que revela através das sombras nossas reais feições.



Dinéia Dutra
A moça e a lua
1980
Água forte e água tinta sobre papel
25 x 15 cm

Lilian O. Nunes Manso
Saudade sem tanto
2019
Xilogravura sobre papel
21 x 27 cm

Dinéia Dutra
A mulher
1980
Água forte e água tinta
sobre papel
42,5x30 cm

Lilian O. Nunes Manso
Despedidas
2019
Xilogravura sobre papel
21 x 27 cm

minibio

Dinéia Dutra (Goiânia, GO, 1954 - Goiânia 1988)
Artista plástica goiana, nascida em 1954, em 1975 iniciou seus estudos no Instituto de Artes (UFG), especializando-se em gravura. Foi aluna de Cleber Gouvêa, frequentou o atelier do artista D. J. Oliveira.
Artista com uma produção expressiva nas décadas de 70 e 80. Em suas obras é reincidente o interesse da artista em abordar temas do cotidiano como relacionamentos, família, tradições, religiosidade, retratando de forma lúdica sua infância e sua vivência em Goiás.
Participou de inúmeras exposições sendo reconhecida nacionalmente, suas obras integram atualmente acervos das principais galerias nacionais.
Apesar de sua produção intensa sua carreira foi interrompida infelizmente com sua prematura morte em 1988, quando a artista tinha apenas 34 anos de idade.

Lilian Oliveira Nunes Manso (Goiânia, GO, 1982)
Artista visual graduanda do curso de Artes Visuais FAV/UFG.
Em sua pesquisa artística busca retratar sentimentos e sensações ligadas à intimidade humana, sendo visível sua busca na liberdade de representar o cotidiano com seus altos e baixos, o belo e por vezes grotesco. Como artista sempre me interessei pelo desenho, prática que me acompanha até os dias atuais. Mas venho me aventurando em novas experimentações como aquarela, e gravura, em especial a Xilogravura.

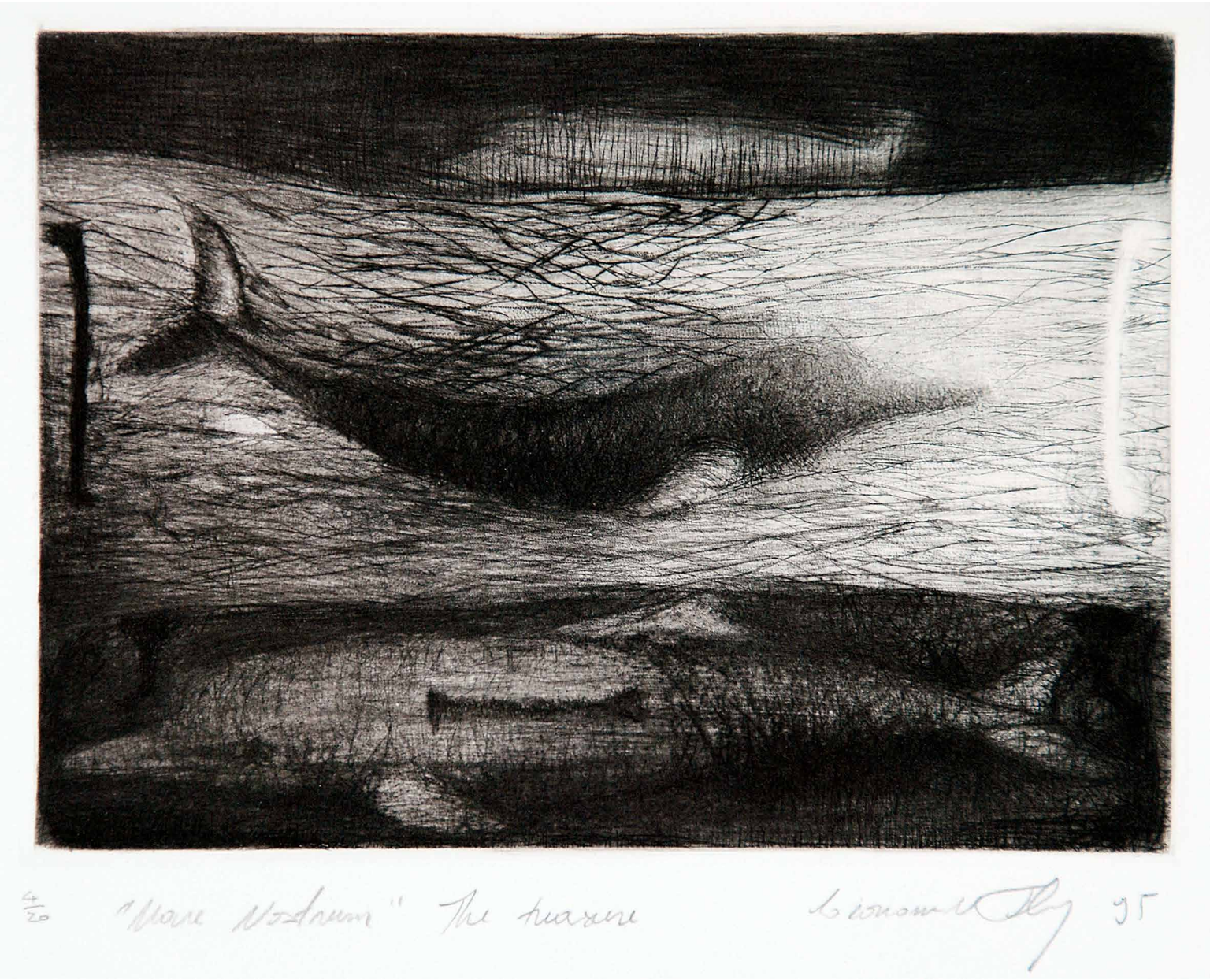
Mariana Siqueira Caldas

Esse texto foi feito a partir das reflexões geradas a partir da proposta de revisitação ao acervo do Centro Cultural UFG, hospedado na plataforma Tainacan, com o objetivo de criar um catálogo com aquelas obras que tivessem atravessamentos com a produção dos estudantes de artes visuais da Universidade Federal de Goiás. Partindo dessa proposta, cada aluno escolheria duas obras que lhe gerasse algum tipo de interesse.

Passeando pela plataforma esbarrei em diversas obras que atraíram meu olhar. Algumas por questões puramente estéticas, enquanto outras causaram reverberações a longo prazo.

A gravura de Leonam Fleury ""Mare Nostrum" The treasure" trouxe a questão da água, do submerso e do mistério que busquei trazer na minha obra "Acompanhada". Em contrapartida, a obra "O canto do cisne''. Da série pupas da artista Ludmila Steckelberg traz a questão da figura feminina, da melancolia, do isolamento e da solidão.

Olhar atentamente para esses artistas e essas obras e correlacionar com a minha própria produção trouxe um repertório a mais a ser adicionado as minhas referências assim como proporcionar, através do meu olhar, a possibilidade de que mais pessoas tenham contato com essas obras no catálogo.



Leonam Fleury
"MARÉ NOSTRUM"
THE TREASURE
1995
Gravura sobre papel
12,3 x 17,3 cm

Ludmila Steckelberg
O canto do cisne
(Da série pupas)
2005
Montagem em papel
30 x 30 cm

Mariana Caldas
Acompanhada
2018
Óleo sobre papel
0,48 x 0,36m

minibio

Leonam Fleury (Goiânia, 1951-)
O artista é formado pela Universidade Católica de Goiás, se dedica à pintura, desenho, escultura e, principalmente, à gravura. Por dois períodos, Leonam fez residências em ateliês de gravura na Inglaterra, os chamados "Pratt Contemporary Art".

Ludmila Steckelberg (artista Brasileira)
Formada em design gráfico, atualmente reside em Montreal. A artista busca interferências em diferentes mídias como montagens, recortes, costura entre outros.

Mariana Caldas (Goiânia, 1999-)
A artista, que ainda reside na cidade, é graduanda do curso de Artes Visuais pela Faculdade Federal de Goiás. Sua poética gira em torno do universo das memórias, dos traumas e do mundo dos sonhos.

Verônica Oliveira Fernandes

Irei comentar dois trabalhos de duas artistas mulheres do Estado de Goiás. As obras escolhidas pertencem ao acervo do Centro Cultural UFG. A escolha dos trabalhos se deu de forma intuitiva e afetiva. Também falarei sobre dois trabalhos meus que pertencem a uma série cujo título é Casa dentro e fora, e os menciono aqui porque acredito que eles dialogam entre si.

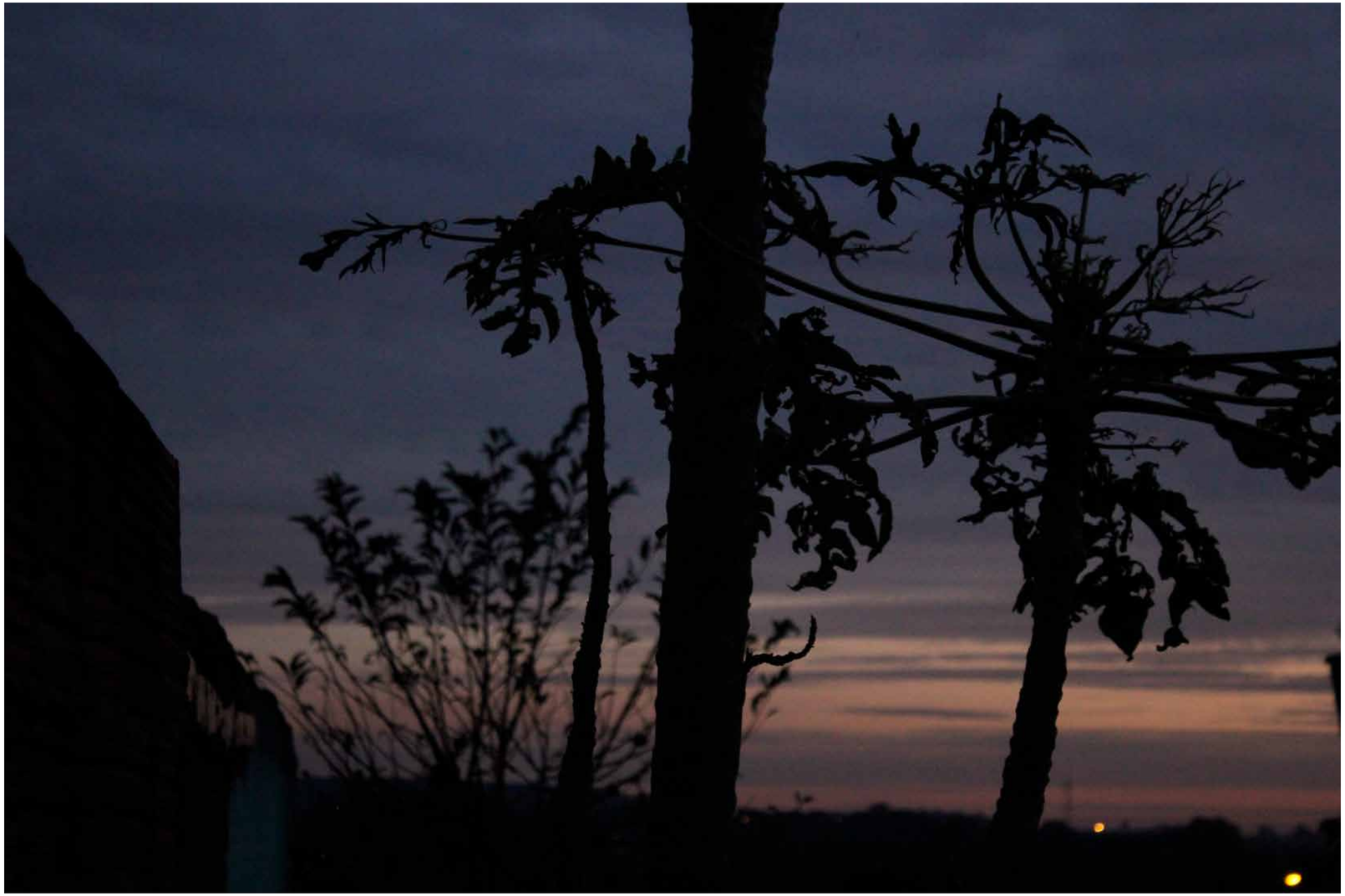
Os títulos de ambos os trabalhos me inquietaram e fiquei um tempo tentando perceber a conexão entre obra e título. A pintura Sonhos e Desejos da artista Telma Alves provocou meu olhar por meio das cores, da profundidade do preto, da névoa com o branco e pelo impacto das cores aguadas no centro que escorre pela tela. Na gravura em metal chamada O excluído da artista Dinéia Dutra, me instiga o traço: as linhas parecem dançar, a transição do preto para o cinza e o branco do papel são ambos impecáveis. Impressiona a qualidade da gravura e, se parar o olhar por um momento na sombra preta do personagem, pode se observar algo que lembra uma caveira, o que faz pensar: será O excluído o amigo da morte, e ela a sua única companheira para um diálogo? Ela pode estar lá aguardando o momento em que irá levá-lo consigo. Quando olhamos para minha produção, veremos que os trabalhos Cama dos meus Pais e Horizonte exaltam a beleza do meu cotidiano particular. As cores e a profundidade permitem ao espectador perder o olhar em sua contemplação.

As obras conversam entre si porque por meio de um olhar rápido, elas podem parecer singelas, mas não, elas são imponentes e possuem muita força. Se observadas com cuidado podemos sentir as cores e traços nos invadir; você será capaz de perder longos minutos admirando e absorvendo. Assim, percebo também que o meu trabalho precisa ser desfrutado em suas cores, suas texturas e vibrações são obras de fato que vão além do visível e transitam por meio do espaço sensível.

Telma Alves
Sonhos e Desejos
2007
Acrílica sobre tela
130x200 cm (Díptico)

Verônica Fernandes
Cama Dos Meus Pais
2019
Fotografia digital
Dimensões variáveis

Dinéia Dutra
O Excluído
1980
Água-forte/Água-tinta
sobre papel
20x29 cm



Verônica Fernandes
Horizonte
2019
Fotografia digital
Dimensões variáveis

minibio

Telma Alves (Morrinhos, GO, 1946)
Para sua formação como pintora, frequentou o Ateliê Livre do MAC, com orientação de Agnaldo Coelho em 1989, ano em que também teve com Tião Taveira aulas de Escultura em Argila. Vive e trabalha em Goiânia, GO.

Dinéia Dutra (1954 – Goiânia, GO, 07 de agosto – Goiânia, GO, 22 de agosto 1988)
FORMAÇÃO 1975/1978 - Goiânia GO - Universidade Federal de Goiás (UFG) Filha de Jair Dutra Machado e Irene Bertuloso Dutra.
ATIVIDADES EM ARTES VISUAIS Pintora e gravadora 1980 - Goiânia GO - Lança o Álbum de Gravuras, Coletânea / 80 1981 – Goiânia GO – Lança o Álbum de Gravuras, Coletânea/81 1982 - Goiânia GO - Lança o Álbum de Gravuras em cores 1986 - Goiânia GO - Lança os Álbuns de Gravuras, Alegria de Viver e Vivendo o Mito. Foi aluna de Cleber Gouvêa e frequentou o atelier de D. J. Oliveira, aprimorando sua técnica de gravura em metal.

Verônica Fernandes (Goiânia, 1999)
Caminha em busca de tornar-se artista visual, nasceu e vive em Goiânia, Brasil. Estudante do curso de Artes Visuais Bacharelado, na Universidade Federal de Goiás (FAV/UFG). 2017 - 2022. Sua pesquisa se volta para o desenho e fotografia, em alguns momentos se permite usufruir de outras técnicas. Busca investigar a memória dentro do campo autobiográfico.

[transição]

João Pedro Teles Pires

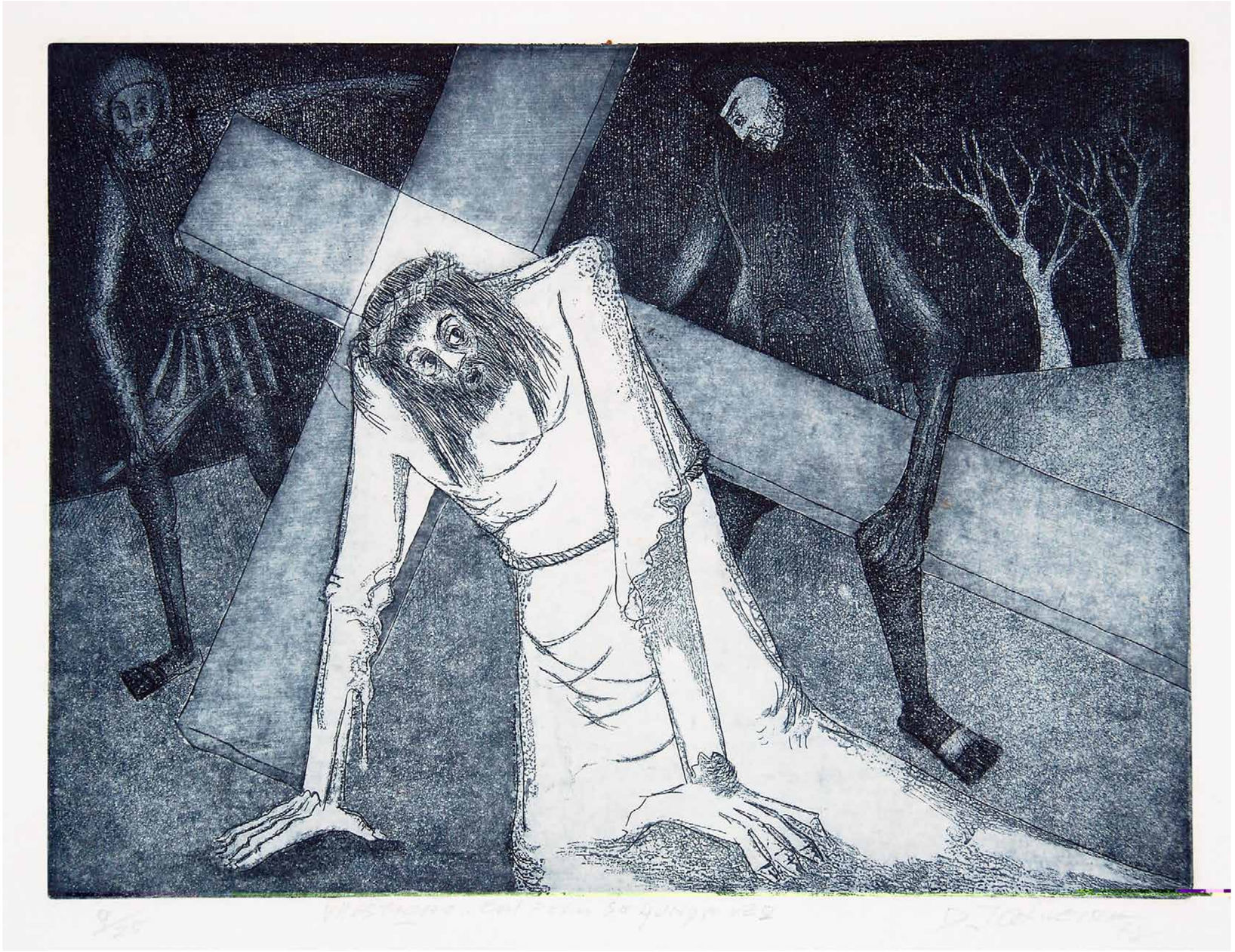
Meu trabalho se desenvolve na torção da figuração humana - uma inspiração vinda das escolas de arte medievais - e da dessacralização da imagética judaico-cristã. Observei no trabalho de Carlos Sena, em suas representações humanas, a criação de uma figuração particular que representa um desapego diante das regras e dos códigos no modo de se pensar a pintura de retratos. O resultado dessa transgressão se aproxima de forma direta à deformação que eu pesquiso e busco nas minhas pinturas, tal como a obra intitulada Corte e Alta.

Essa busca vale também nas gravuras, nas formas soltas, desmanchadas ou derretidas do corpo humano, em relação as quais pode ser observada a impossibilidade ou falta de gênero ou melhor, uma androginia intrínseca, onde a gestualidade e a expressividade são fatores que constituem o principal foco da imagem.

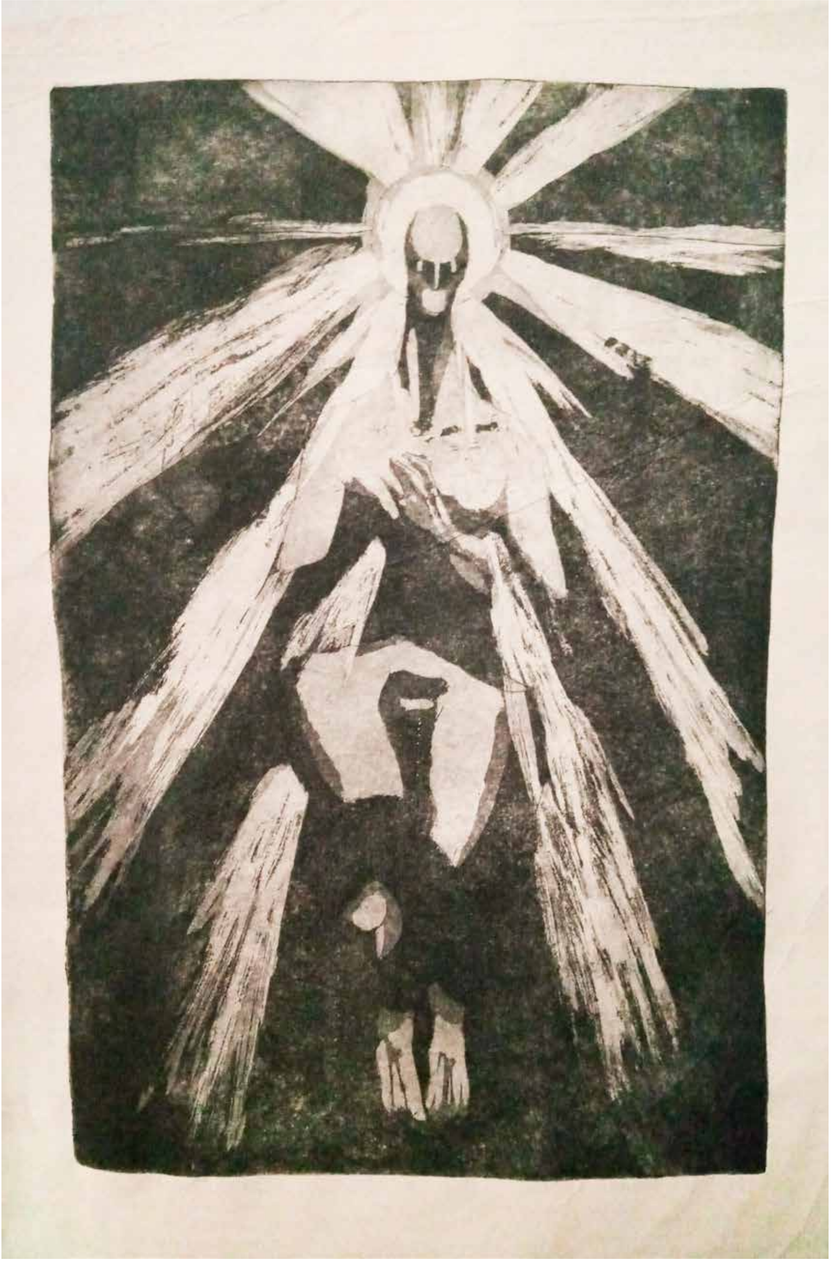
Já na segunda obra escolhida, de autoria do artista D. J. Oliveira, a associação ou, melhor, a síntese entre diversos trabalhos do artista se baseia tanto na linguagem da gravura quanto na representação da queda - momento simbólico de uma narrativa que antecede uma ascensão divina. Alta foi, portanto, desenvolvida pensando sobre uma queda na escuridão e uma atenção repentina sobre ela; o foco luminoso, a auréola que surge por detrás da figura, compõe uma forma, talvez a única, naquele momento. Essa figura se faz presente num vazio infinito, cuja queda livre resulta em um estupor espiritual e mental.

Carlos Sena
Sem Título
1980
Óleo sobre tela
67 x 59 cm

João Teles
Corte
2020
Óleo sobre tela
60 x 90 cm



D.J. Oliveira
Cai pela primeira vez
2000 cm
Água-forte e água-tinta
sobre papel
39,3 x 29,4 cm



João Teles
Alta
2018
Água-tinta e água-forte
sobre papel
23 x 33 cm

minibio

Carlos Sena Passos (Mairi, BA, 1952 - Goiânia, GO, 2015)
Formado em licenciatura em Desenho e Plástica pelo Instituto de Artes da UFG (1983), e mestre em Arte Publicitária e Produção Simbólica pela Escola de Comunicação e Artes da USP (2007). Desde 1990 atuava como professor de História da Arte Moderna e Contemporânea na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás. Em 2002 criou a Galeria de Arte da FAV, que dirigiu até 2006 e onde realizou a curadoria de mostras apresentando artistas locais, nacionais e internacionais. Ainda em 2002, começou a organizar a formação de um acervo de obras de arte para a Universidade Federal de Goiânia (UFG). Em 2005 assumiu a direção do processo de implantação do Centro Cultural da UFG.

Dirso José de Oliveira (Bragança Paulista, SP, 1932 - Goiânia, GO, 2005)
Iniciou aos 10 anos estudos de desenho e pintura com o pintor Luís Gualberto, ainda em sua cidade. Em 1948 mudou para a capital, onde trabalhou como assistente de artesãos especializados em decoração de paredes e em pintura de frisos, além de ser assistente de pintura em murais e cenografia. Frequentou o ateliê de Angelo de Sordi, com quem aprendeu as técnicas do afresco, da têmpera, da encáustica, do esgrafito e da pintura a óleo. Em 1967 viaja à Europa, onde trabalha principalmente na Espanha, mas também, na Holanda, Itália, França, Inglaterra e Suíça, retornando à Goiânia em 1970. Nessa época, começa a dedicar-se à gravura em metal, desligando-se da pintura.

João Pedro Teles Pires (Rio Verde, GO, 1999)
Graduando em Artes Visuais pela Faculdade de Artes Visuais da UFG. Teve contato primeiro com as artes nas igrejas maranhenses e do interior de Goiás, nos adornos e estátuas que em primeiro momento foram assustadores, dada ambientação sombria e olhares e expressões atormentados destas figuras. Deste primeiro contato até os estudos no curso de artes, percebe os efeitos das intervenções religiosas na sociedade e como estas podem ser malignas à psique e a mente, se apropria disso e do imaginário do cosmicismo e do existencialismo para criar espaços e seres que mesclam essas literaturas.

Marcos Rafael Pereira Aryce

Entre os artistas e obras disponíveis no acervo CCUFG, escolhi para relacionar com minhas obras os trabalhos de Rhawbert e Liosmar Martins. O primeiro, Sem Título, 1999 (Figura 1), me chama a atenção por sua temática LGBTT. Assim como em meus trabalhos, busco voltar a temática para a vida de pessoas trans e travestis.

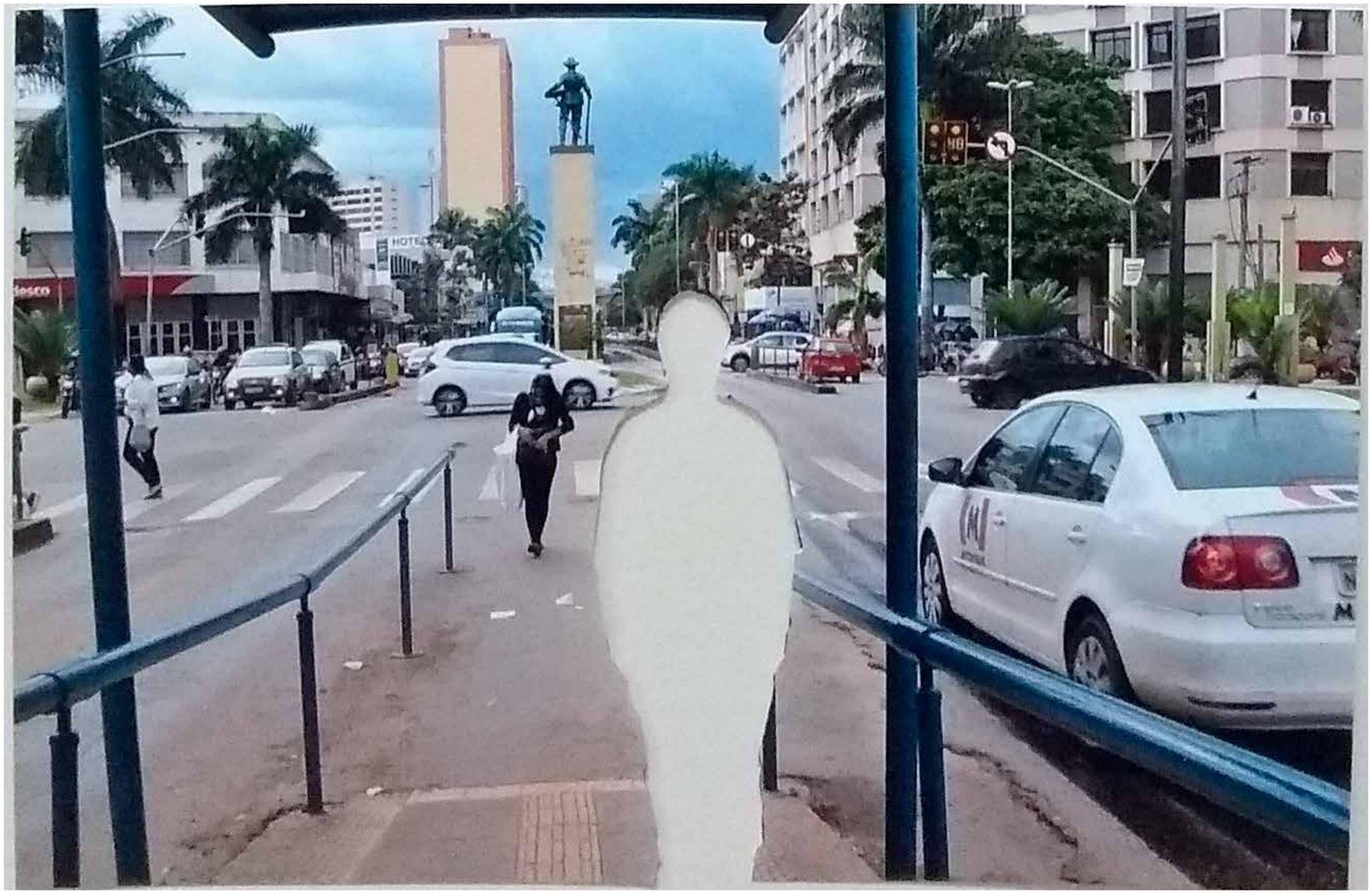
Na minha atual pesquisa busco ainda tratar sobre nossas vivências em espaços de acesso público e como esses lugares nos afetam negativamente, negando nossas identidades e nossos corpos. Nessa direção me encontro também com a obra Samambaia, 1999, de Liosmar Martins.

Em uma breve pesquisa sobre o artista me atravessa um trecho do site da Prefeitura Municipal de Goiânia sobre suas obras: "Liosmar tem como característica a abordagem que faz da figura humana, na qual revela a sua rica percepção para a dimensão dramática de nossa história. A repetição quase obsessiva de suas personagens, ressoa como eco desse penetrante grito de angústia. O ambiente de suas gravuras reforça este lado dramático (...)". Relaciono então sua obra com outra minha, onde repetidamente tento destacar essa figura do corpo T presente sim nesses lugares apesar de nos recortarem.

Rhawberti
Sem Título
1999
Gravura

Liosmar Martins
Sem Título
1999
Gravura

Marcos Rafael
Estive Aqui (série)
2018
Fotografia digital
dimensões variáveis



Marcos Rafael
Estive Aqui (série)
2018
Fotografia digital
dimensões variáveis

Marcos Rafael
Estive Aqui (série)
2018
Fotografia digital
dimensões variáveis

minibio

Liosmar Martins (Caldas Novas, 1953)
Graduado pela Universidade Federal de Goiás – UFG, em Artes Visuais, com habilitação em gravura. É pintor, desenhista e gravador. Nascido em Caldas Novas e residente em Goiânia

Rhawbert Costa Assunção
Graduado pela Universidade Federal de Goiás, em Artes Visuais com habilitação em Design Gráfico, no ano de 2000. Atua nas áreas de Design Gráfico, Web Design e Motion Design.

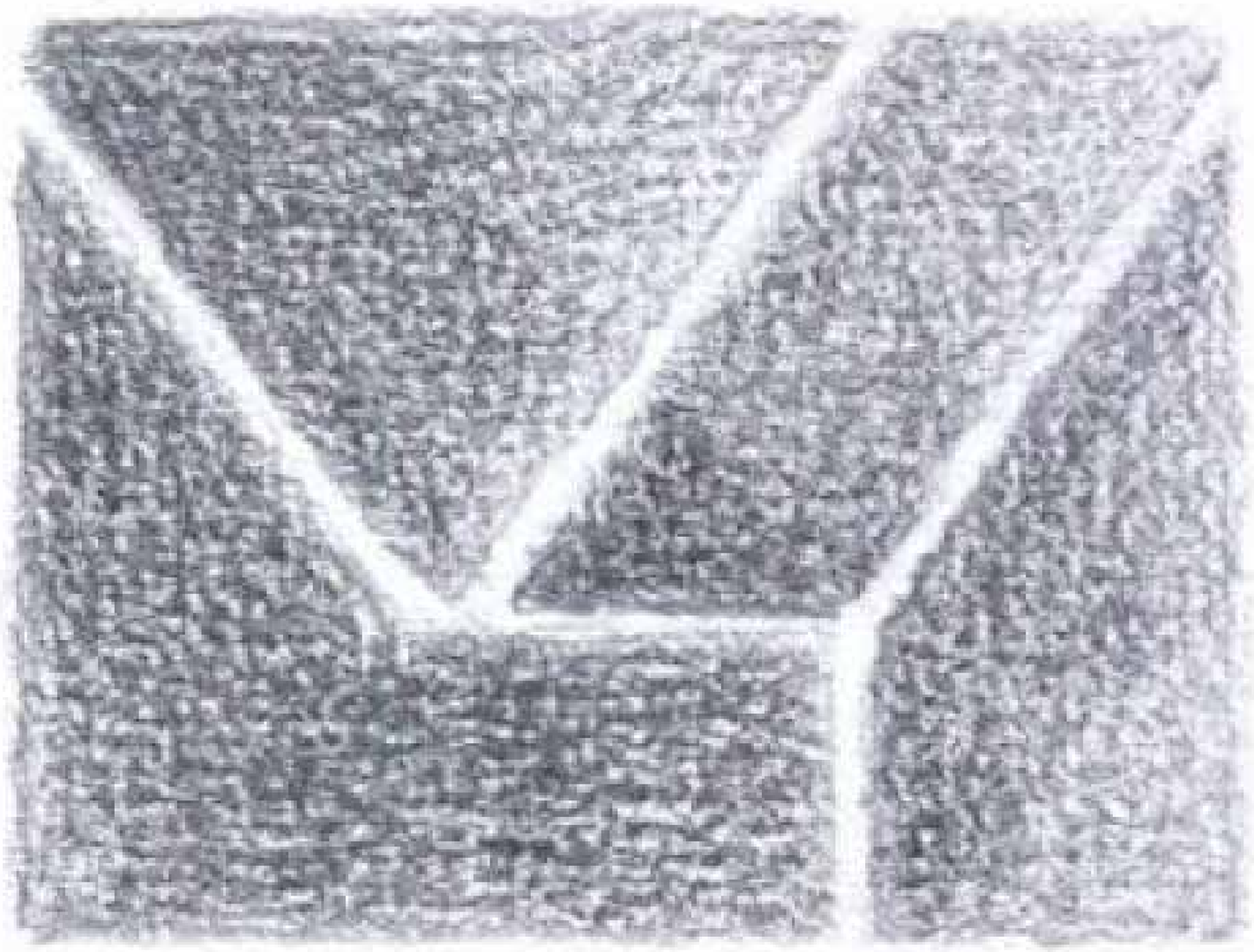
Marcos Rafael (Anápolis, 1998)
É estudante de Artes Visuais na Universidade Federal de Goiás – UFG. Nascido em Anápolis e residente em Goiânia, trabalhou com pintura no ano 2018 sobre espaços e lugares. Atualmente pesquisa com foco em fotografia digital sobre esses espaços e o acesso neles para a população trans e travesti.

Maria Raquel Gomes da Silva

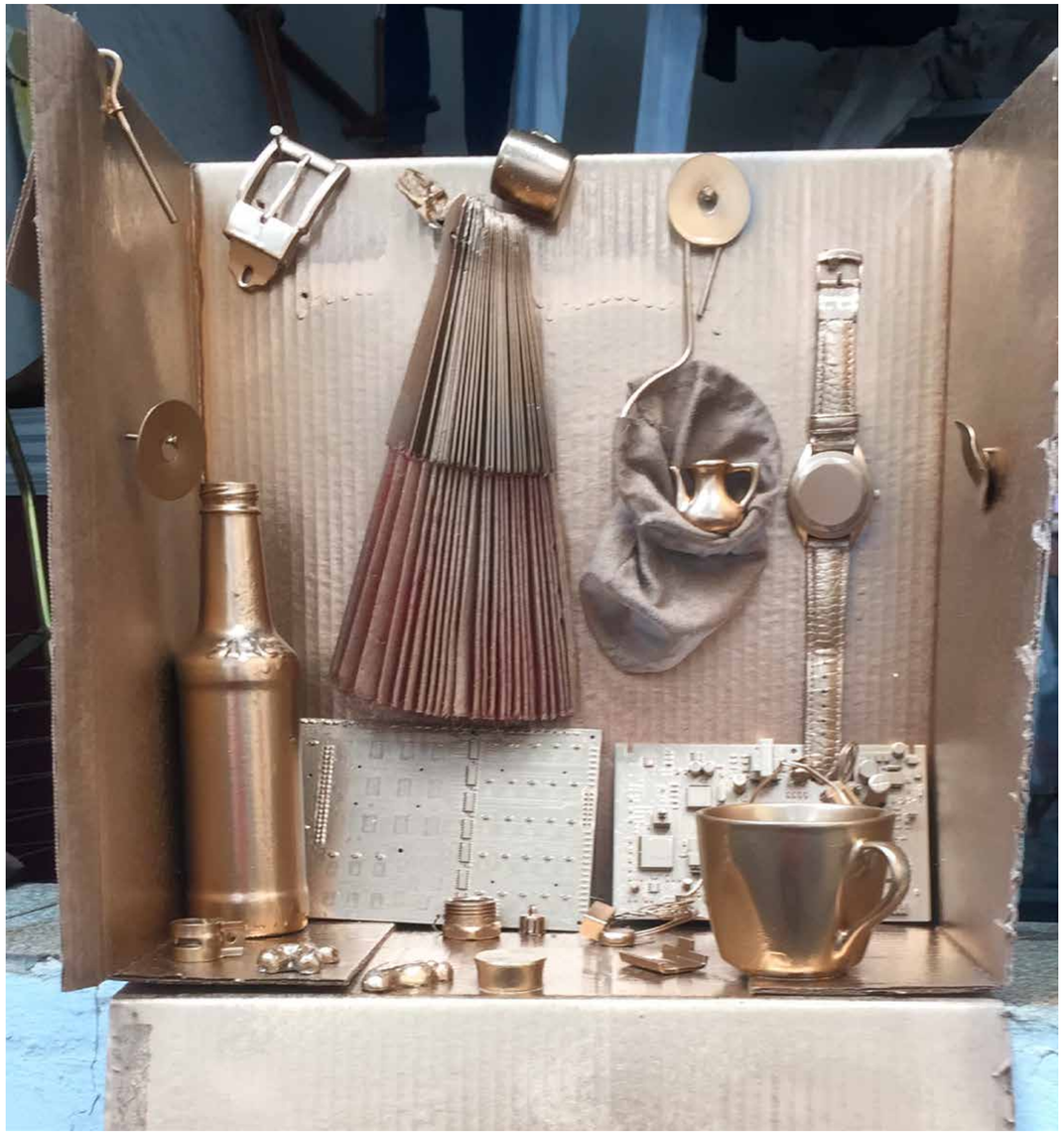
O objetivo deste texto é de apresentar obras de dois artistas da plataforma Tainacan do Centro Cultural da Universidade Federal de Goiás e da estudante de Artes Visuais FAV/UFG, disponibilizadas neste catálogo e na mostra virtual coletiva, bem como conhecer os caminhos da curadoria para uma aprendizagem ao longo da vida. O Centro Cultural UFG completou 10 anos em 2020. Durante a comemoração houve o lançamento do blog #CartasParaUmaCasa que segundo Caroline Pires (2020) é um espaço virtual pensado por um artista e um historiador da arte, da Faculdade de Artes Visuais da UFG, Glayson Arcanjo de Sampaio e Paulo Henrique Duarte Feitoza, "como um repositório de lembranças e memórias das casas habitadas neste momento da pandemia da Covid-19". Este blog está dividido em três etapas nas quais o público pode participar lendo, criando, desenhando e desfrutando o processo artístico coletivamente. A primeira delas é #correspondências, a segunda é #cartasacasa e a terceira é #notas. A escolha pela segunda etapa #cartasacasa, é devido ao que ela é, isto é, um "eixo vertebral do processo criativo, que é um convite a desfrutar de cartas, que podem ser desenhadas, escritas ou gravadas". (PIRES, 2020).

A motivação para a escolha das obras foi a beleza da imagem ou o sentido que produz ou ainda uma emoção muito grande de poder participar, mesmo que virtual, do processo artístico. Segundo Cecília Almeida Salles (2013, p. 97): "as pessoas são receptivas a partir de algo que já existe nelas de forma potencial e que encontra nesse fato uma oportunidade concreta de se manifestar [...]" porque o "processo de apreensão dessas imagens revela a ação do olhar dominando a realidade com armas poéticas". Dessa maneira, pode-se sentir a singularidade do olhar do artista e do espectador, pois, ao criar uma obra, ela resulta da participação não somente de seu criador, e sim também, do espectador que lê e faz considerações como bem o lembra Yeats (apud SALLES, 2013, p.134): "quando refaço uma canção é a mim que me refaço", não fica somente contemplando a obra, todavia dela participa se quiser. Assim, tanto em Corujinha quanto #CoisasCozinha há uma aproximação de valores éticos, de percepção visual e de participação ativa no processo de criação.

A escolha das obras se deu também, à semelhança das técnicas usadas, da temática e do movimento das imagens. As obras dos artistas Glayson Arcanjo, Selma Parreira e de Raquel da Silva são, respectivamente, #cartasacasa, Jaguatirica, #CoisasCozinha e Corujinha. A Jaguatirica foi gravada em metal com matriz de cobre usando a água forte e colorida. A artista fala que a obra faz parte de uma série: uma jaguatirica, um peixe e duas galinhas (uma d'Angola e outra). Embora a linoleogravura Corujinha tenha sido gravada em um tipo de borracha/linóleo, pode-se ver uma aproximação nas duas quando se pensa em termos de escolha do desenho: um animal gravado em uma determinada matriz. Segundo a artista Selma Parreira, a Jaguatirica tem uma linguagem em metal que dialoga com a pintura e o desenho, ela não é uma gravura convencional porque o fundo é branco e não preto como numa gravura comum. As duas, portanto, fazem parte de uma série e a escolha por animais do cerrado. Os animais nas telas são opostos em impulsividade, agressividade e leveza. Em ambos a cor amarela apresenta uma sensação de visibilidade na natureza. Já #cartasacasa é uma provocação/convite ao leitor para criar o processo artístico na plataforma Tainacan do Centro Cultural e poder responder a este convite. A assemblage #CoisasCozinha é uma resposta ao #cartasacasa. Ela é um objeto que contém símbolos eminentemente "femininos" que foram selecionados tanto para provocar um desejo no olhar do expectador de busca e compreensão quanto de desnaturalização do "feminino", pois a cozinha é um espaço da casa que pode ser habitado por homens e mulheres.

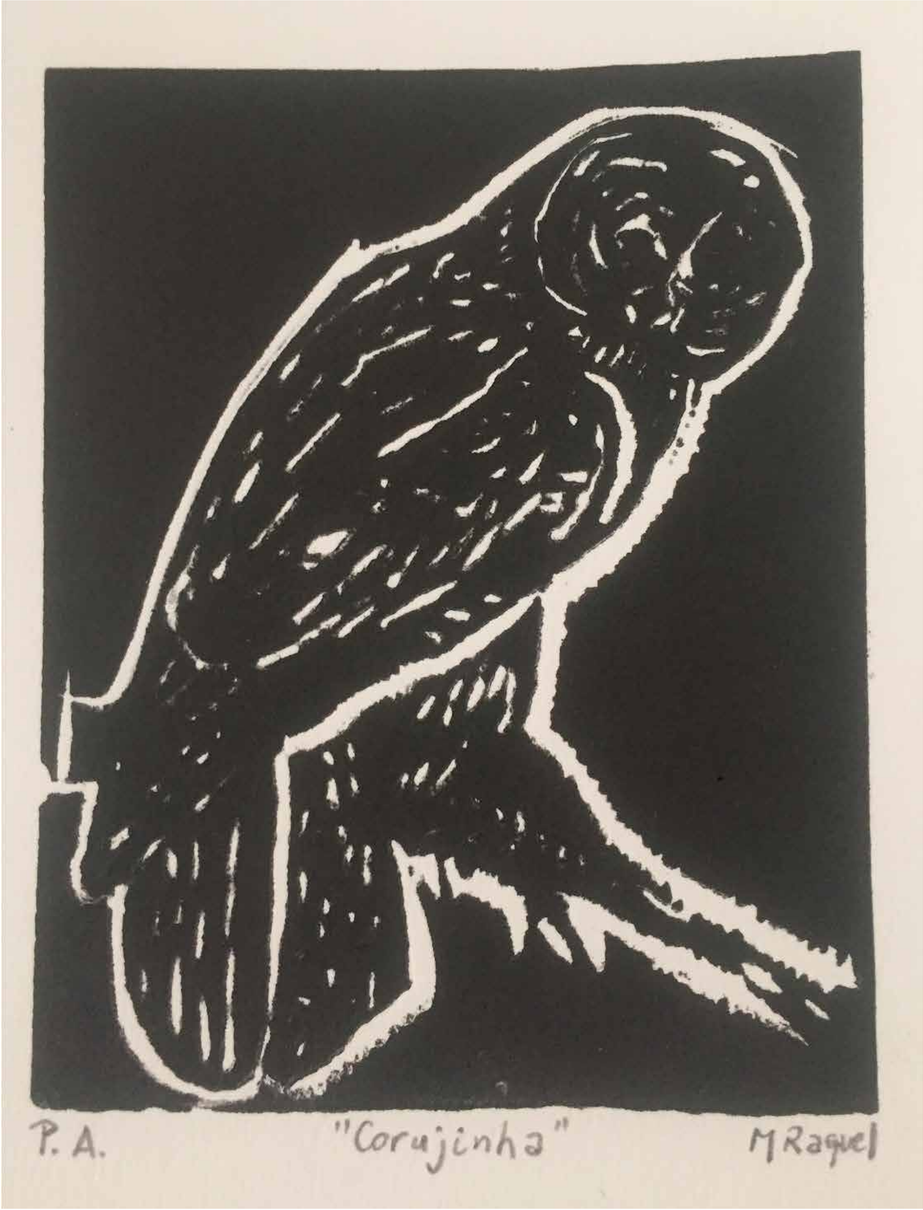


Glayson Arcanjo
#CARTASACASA
2020
dimensões variáveis



Raquel da Silva
#Coisas Cozinha
2020
Objeto com tinta spray dourada
sobre papelão e objetos
60x40 cm

Selma Parreira
Jaguatirica
2000
Gravura em cobre
Água-forte sobre papel
29,5 x 39 cm



Raquel da Silva
Corujinha
2018
Gravura sobre papel
40x40 cm

minibio

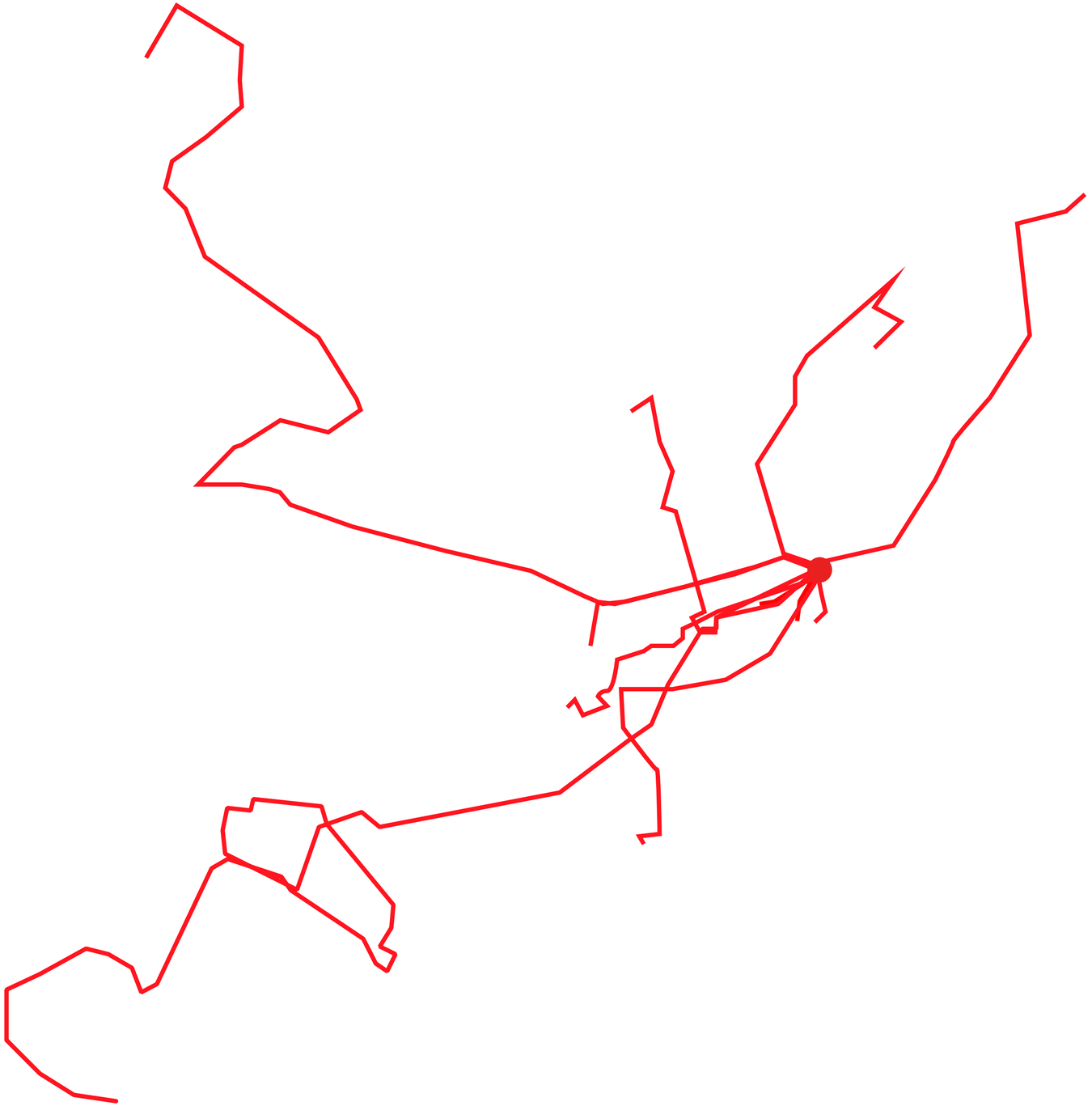
Glayson Arcanjo (Glayson Arcanjo de Sampaio, Belo Horizonte, MG, 1975).
Artista visual. Atualmente é Professor Auxiliar na área de Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás (UFG) de 16.04.2010 até a presente data. Área: Desenho. Atividades de ensino e graduação nas áreas de Desenho e Orientação de Trabalhos de Conclusão de Curso. Atividades de pesquisa e extensão. Atua principalmente com os seguintes temas: Processos de criação, Desenho. Pós-Graduação: Doutor em Artes Visuais (concentração: Poéticas Visuais e Processos de Criação) pelo Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Mestre em Artes (concentração: Arte e Tecnologia da Imagem) pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte. Bacharel em Artes Plásticas (2001--06) pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

Selma Parreira (Selma Rodrigues Parreira, Buriti Alegre, Goiás, 1955).
Reside em Goiânia. Mestre em Cultura Visual, Licenciada em Desenho e Plástica pela UFG (1980), foi professora da Universidade Federal de Goiás (UFG) de 1993 a 2017, tem especialização em Gravura pelo Instituto Allende, Guanajuato, México. Trabalha com pintura desde os anos 80, Participou de vários Salões, exposições coletivas e mostras individuais em várias capitais brasileiras e algumas no exterior com obras adquiridas por colecionadores. Atualmente ministra palestras e realiza projetos curatoriais de arte contemporânea além de manter produção constante na área da pintura, fotografia e instalação.
III Salão de Pintura Brasil-Japão da Fundação Mokiti Okada - recebe o Prêmio Pintura. Realizou exposições individuais em várias capitais brasileiras tais como Brasília, São Paulo, Recife e Rio de Janeiro. Dentre as diversas coletivas participou da BR 80 - Pintura Brasil, Instituto Itaú Cultural; Mitos e Territórios (2003-2004, como artista e coordenadora do projeto) em Porto Alegre, Goiânia, Belo Horizonte e São Paulo.

Raquel da Silva (Maria Raquel Gomes da Silva, Uruçuí, Piauí, 1960).
Bibliotecária da Universidade Federal de Goiás desde 1994. Bacharel em Biblioteconomia, 1985, SP; Especialização em História Cultural, 2009, UFG; Mestrado em Letras, 2015, PUCGO; Licenciatura em Artes Visuais, 2019, Centro Claretiano; atualmente estuda o bacharelado em Artes Visuais, UFG. Ganhou o prêmio da Elsevier/CAPES, 2006 (Viagem à Argentina para o seminário de bibliotecas digitais).

Aldemir Martins
Alfredo Volpi
Carlos Sena
Cicero Dias
Cleber Gouvea
Dalton Paula
D.J. Oliveira
Dinéia Dutra
Edna Goya
Edney Antunes
Fábio Baroli
Fernando Thommen
Frei Confaloni
Glayson Arcanjo
Heleno Godoy
Leonam Fleury
Liosmar Martins
Ludmila Steckelberg
Maciej Babinski
Octo Marques
Pedro Verçosa
Rhawberti
Rodrigo Godá
Selma Parreira
Telma Alves
Tomie Ohtake
Zé César

Alice Castro Cardoso
Ana Maranhão
Antônio Filho
Evelyn de Negreiros Bonfim
Fabiana Francisca Santos
Jhony Aguiar
João Teles
Karina A. André
Lilian O. Nunes Manso
Lívia Chaga
Marcos Rafael P. Aryce
Maria Raquel Gomes da Silva
Mari Caldas
Melissa Davi Araújo
Verônica Fernandes



DE FORA PRA DENTRO

Diálogos entre obras do acervo do CCUFG e jovens artistas da FAV

Reitor
Edward Madureira Brasil

Vice-Reitora
Sandramara Mathias Chaves

Pró-Reitora de Extensão e Cultura
Lucilene Maria de Sousa

Pró-Reitora Adjunta de Extensão e Cultura e Diretora de Cultura da UFG
Flavia Maria Cruvinel

Coordenadora de Programação de Artes Visuais
Maria Tereza Gomes da Silva

Coordenador de Programação de Música e Artes Cênicas
Marcus Vinícius Pantaleão Gomes

Coordenadora de Intercâmbio e Ações Educativas
Juliana de Castro Chaves

Coordenador Administrativo
Renato Malta

Coordenador de Comunicação
Leonardo Eloi Soares de Carvalho

Assistente de Produção e Assuntos Administrativos
Dorivan Borges Filho

Mediadora de intercâmbio e Ações Educativas
Flávia de Castro Souza

Técnico em Audiovisual
João Victor dos Santos

Técnico em Eletrotécnica
Fernando Júlio Barros

Técnicos de Luz
Eduardo de Souza Teixeira
Rodrigo Costa Assis

Assistente de Produção dos Espaços Expositivos
Hélio Batista de Oliveira Júnior

Designer Gráfica
Letícia Araújo Luiz

Apoio
Juliana Noemia Marques

DE FORA PRA DENTRO

Diálogos entre obras do acervo do CCUFG e jovens artistas da FAV

EQUIPE CATÁLOGO

Editoria
Maria Tereza Gomes da Silva

Curadoria
Samuel de Jesus e Jovens artistas da FAV/UFG

Equipe do Acervo
Hélio Taffner
Léonardo Eloí S. de Carvalho...

Fotografia
Léonardo Eloí (Acervo)
Autorais dos jovens artistas da FAV

Projeto gráfico e finalização
Karina A. André
Alice Castro Cardoso
João Teles
Sergio Soares

Produção de textos
Flávia Maria Cruvinel
Maria Tereza Gomes
Samuel de Jesus..
Jovens artistas

Equipe de Ação Educativa
Fabiana Francisca
Jhony Aguiar
Verônica Fernandes
Melissa Davi Araújo

Equipe de pesquisa e Revisão
Evelyn Negreiros
Lílian Nunes
Maria Raquel
Lívia Chagas

Equipe de Mediação e difusão
Léonardo Eloí
Ana Maranhão
Antônio Filho
Marcos Rafael P.A
Mariana Siqueira Caldas
Nicoly de Paula Borges

Apoio
FAV
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

Realização
CCUFG
CENTRO CULTURAL UFG

PROEC
PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO E CULTURA

UFG
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Aparecida. Aos 62 anos, morre Carlos Sena. Diário da Manhã, Goiânia, 17 maio 2015. Geral, p.3.

CANTON, Kátia. Tempo e Memória. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, Coleção temas da arte contemporânea, 2009.

CATÁLOGOS/Folders/Curriculum Vitae.Jornal O popular. Caderno 2,p. 7, Goiânia, 10 de novembro de 1998.

DIAS, Karina. Notas sobre paisagem, visão e invisão. Goiânia, Visualidades: Revista do programa de Mestrado em Cultura Visual – FAV|UFG, v. 6, n. 1 e 2, 2008. Disponível em <https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18075>. Acesso em: 07.11.2020.

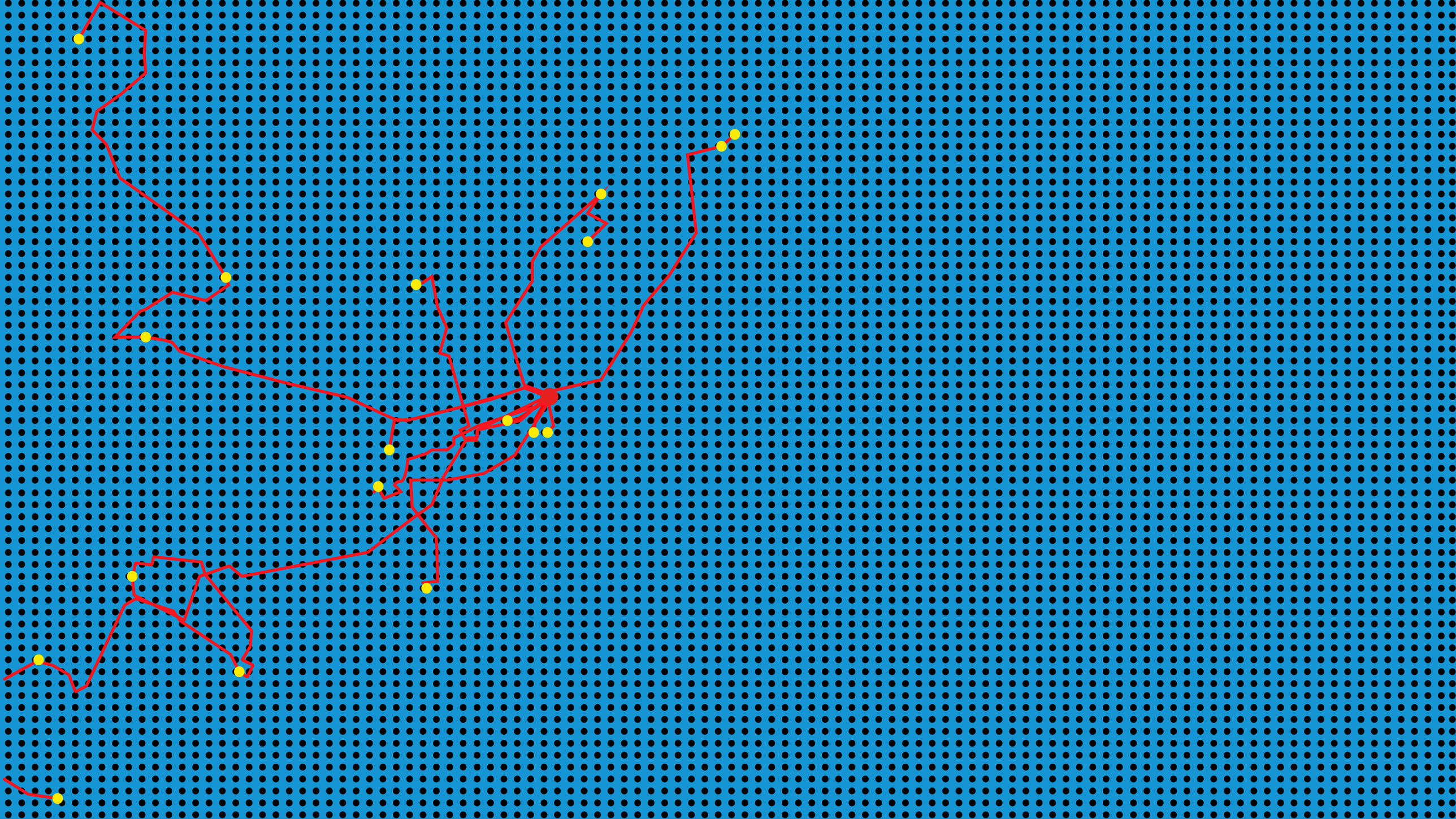
LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. O que é imaginário. E-Book, Taubaté, SP: Editora Brasiliense, 2017, p. 3 a 6.

MENEZES, Amaury. Da Caverna ao Museu: Dicionário das Artes Plásticas em Goiás. Goiânia: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1998. 104 p., il. Color.

O POPULAR, Jornal. Caderno 2, p.13, Goiânia, 13 de dezembro de 1986.

SALLES, Cecília Almeida. Gesto inacabado: processo de criação artística. 6ª ed., São Paulo: Intermeios, 2013.

UMA COLETIVA de Mulheres Goianas. Goiânia,Jornal Diário da Manhã, 04 de março de 1983.

https://acervo.centrocultural.ufg.br/colecoes/
http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa24227/octo-marques
http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa4437/tomie-ohtake
https://artsandculture.google.com/entity/%2Fm%2F0t5fkhg?hl=pt
https://daltonpaula.com/mini-biografia/
https://galeria.fav.ufg.br/p/21694-edney-antunes
http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa26993/edney-antunes
http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa506257/dalton-paula
https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1787/cicero-dias
http://www.cicero-dias.com/Accueibr.htm
http://www.cicero-dias.com/EXPOSITIONS.htm
http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa511079/fabio-baroli
https://www.zippergaleria.com.br/artists/38-fabio-baroli/overview/
https://www.escritoriodearte.com/artista/alfredo-volpi
http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa1610/alfredo-volpi
https://www.culturagenial.com/alfredo-volpi-obras-biografia/
http://www.referenciagaleria.com.br/exposicoes/r-goda-desenhos-e-pinturas/
https://rodrigogoda.wordpress.com/
http://www.galeriapontes.com.br/esculturas_detalhes.aspx?id=262
http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa26938/rodrigo-goda
https://cargocollective.com/pedrovercosa/
https://br.pinterest.com/pin/466685580115571435/
https://www.glaysonarcanjo.com/2012/05/entreriscos-2002.html
https://www.glaysonarcanjo.com/p/contato.html
https://tainacan.medialab.ufg.br/cculturalufg/selma-parreira/sem-titulo-da-serieentretiscos-glayson-arcanjo
https://tainacan.medialab.ufg.br/cculturalufg/selma-parreira/sem-titulo-pedro-ivovercosa/
https://www.youtube.com/watch?v=O_5PQ_5Nfrg
http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa2273/aldemir- martins
https://www.youtube.com/watch?v=lGinX7JWBJw
https://www.youtube.com/watch?v=j-4vew-552c
http://www.muna.ufu.br/babinski.html
http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10210/babinski

https://www.youtube.com/watch?v=PErCvWXFx0g
https://www.youtube.com/watch?v=LXlrrR96isk
https://www.goiania.go.gov.br/sistemas/scmag/asp/scmag00004w0.asp?cdutor=128
http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa23212/frei-nazarenoconfaloni
https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/IISPHist09_MarcelaAgu.pdf
https://www.revistas.ufg.br/VISUAL/article/view/18230
https://secom.ufg.br/n/13955-museu-de-arte-de-goiania-apresenta-a-exposicaogravuras-goianas
http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/a-origem-da-gravura-de-arte-em-goias-e-seusdesd obramentos-de-edna-goya/
https://www.escavador.com/sobre/3754828/edna-de-jesus-goya
https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa10305/cleber-gouvea
https://www.escritoriodearte.com/artista/cleber-gouvea
https://www.goiania.go.gov.br/sistemas/scmag/asp/scmag00004w0.asp?cdutor=79
https://www.escavador.com/sobre/3754828/edna-de-jesus-goya#profissional
http://muraldjoliveira.blogspot.com/2009/
https://revistazelo.com.br/teste/exposicao-mac-40-anos-de-gravura/
http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22763/d-j-oliveira
https://jornal.ufg.br/
http://casaabalcoada.blogspot.com/2015/02/dineia-dutra-arte-da-gravura.html
https://www.goiania.go.gov.br/sistemas/scmag/asp/scmag00004w0.asp?cdutor=73
http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa264049/dineia-dutra
https://www.catalogodasartes.com.br/artista/Din%C3%A9ia%20Dutra/
https://www.ufg.br/n/59405-galeria-da-fav-apresenta-exposicao-individual-deleonam-fleury
http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa22763/d-j-oliveira
Entrevistargh!: Nitrocorpz | (wordpress.com)
MAG - Museu de Artes de Goiânia (goiania.go.gov.br)
MAG - Museu de Artes de Goiânia (goiania.go.gov.br)
https://www.youtube.com/watch?v=FWTRqc5j4k
https://www.ufg.br/n/130836-centro-cultural-ufg-lanca-o-blog-cartasparaumacasa